

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho”**

**Instituto de Artes - Campus São Paulo**

**NAOMI SOUSA GONÇALVES**

**O ESPAÇO ESCOLAR E SEUS ATRAVESSAMENTOS NOS PROCESSOS DE  
APRENDIZAGEM NO ENSINO BÁSICO**

São Paulo -SP  
2024

NAOMI SOUSA GONÇALVES

O ESPAÇO ESCOLAR E SEUS ATRAVESSAMENTOS NOS  
PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO BÁSICO

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado como requisito para a  
conclusão do curso de Licenciatura  
em Artes Visuais da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita  
Filho”.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Rita  
Luciana Berti Bredariolli

São Paulo - SP  
2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação  
do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

---

G635e Gonçalves, Naomi Sousa, 1999-

O espaço escolar e seus atravessamentos nos processos de  
aprendizagem no ensino básico / Naomi Sousa Gonçalves. -- São Paulo,  
2024.

57 f. : il. color.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita Luciana Berti Bredariolli.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Educação básica. 2. Ambiente escolar. 3. Práticas de ensino. 4. Arte  
na educação. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual  
Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707

---

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

NAOMI SOUSA GONÇALVES

O ESPAÇO ESCOLAR E SEUS ATRAVESSAMENTOS NOS  
PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO BÁSICO

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado como requisito para a  
conclusão do curso de Licenciatura  
em Artes Visuais da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita  
Filho”.

Data da defesa: 13/11/2024

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli  
UNESP - Instituto de Artes da Unesp - Campus São Paulo

---

Prof. Tami Ito Tahira  
USP - Departamento de Artes Plásticas - São Paulo

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço a todas as minhas transcestrais e as travestis que de alguma maneira atravessaram os meus caminhos, me apresentando essa possibilidade de vida e me transformando na pessoa que sou hoje

Agradeço à minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli, pelos anos de acompanhamento em minha trajetória universitária e pela dedicação que a mesma tem com a educação e com seus alunos e alunas da UNESP

Agradeço a Tami Ito Tahira, minha banca nesse TCC, colega de profissão e amiga pessoal, pela presença que a mesma tem em minha vida e por compartilhar suas visões de mundo comigo

Agradeço a professora Marilene e a todos os meus alunos e alunas da escola EMEF Cacilda Becker, vocês me proporcionaram uma das mais significativas experiências da minha vida, espero ter sido uma boa professora para vocês

Agradeço a professora Rejane Coutinho e Sidney Peterson, e aos meus colegas da residência pedagógica, pelas trocas e compartilhamento de experiências que me enriqueceram como professora de artes

Agradeço aos amigos que fiz nessa longa trajetória na UNESP: Amanda Nari, Dam Hina Cho, Fernanda Keico, Isabel Lichand Paulino, Kai Sumadossi e Leticia Sousa, pessoas incríveis que levarei comigo para a vida

Agradeço aos amigos que fiz fora da UNESP, porém a partir dela: Pedro Becker e Sabre Fiorentino, os “homens” da minha vida

Por fim, agradeço a minha mãe, por ter cuidado de mim na medida em que ela pode, e ao meu sobrinho Miguel, por ser um fofo e um querido

## RESUMO

Este trabalho é uma análise do espaço e da estrutura física tradicional da escola, investigando seu caráter carcerário e domesticador. Questiono a dinâmica e a organização espacial desse ambiente e suas influências no processo de ensino dos estudantes e na atuação do(a) professor(a) a partir dos pensamentos de Michel Foucault sobre as características da prisão em seu livro “Vigiar e punir: nascimento da prisão”. Proponho também, neste trabalho, outras maneiras de pensar um espaço educativo a partir dos trabalhos “Escola Panapaná” do artista visual Denilson Baniwa e da “Escola Primária de Gando” do arquiteto Diébédo Francis Kéré, analisando o caráter transgressor de suas obras na proposta de criar um espaço escolar que parte de outras necessidades, que vão na contramão da proposta tradicional de escola. Relato também a minha experiência como professora de artes residente na EMEF Cacilda Becker pelo programa Residência Pedagógica em 2023, onde pude explorar de forma prática as problemáticas em relação à organização espacial da escola e trabalhá-las em conjunto com meus alunos e alunas em sequências pedagógicas que apliquei durante esse processo de formação

**Palavras chave:** espaço escolar; corpo; residência pedagógica.

## **ABSTRACT**

This work is an analysis of the traditional space and physical structure of the school, investigating its carceral and domesticating character. I question the dynamics and spatial organization of this environment and its influences on the teaching process of students and the role of the teacher based on Michel Foucault's thoughts on the characteristics of prison in his book "Discipline and Punish: The Birth of the Prison." I also propose, in this work, other ways of thinking about an educational space based on the works "Escola Panapaná" by visual artist Denilson Baniwa and "Gando Primary School" by architect Diébédo Francis Kéré, analyzing the transgressive character of their works in the proposal to create a school space that stems from other needs, which go against the traditional school model. I also report on my experience as a resident arts teacher at EMEF Cacilda Becker through the Pedagogical Residency program in 2023, where I was able to practically explore the issues related to the spatial organization of the school and work on them together with my students in the pedagogical sequences I applied during this training process

**Keywords:** school space; body; pedagogical residency.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Escola Panapaná.....	20
Figura 2: Escola primária de Gando.....	23
Figura 3: Boulevard EMEF Cacilda Becker.....	29
Figura 4: Boulevard EMEF Cacilda Becker.....	30
Figura 5: Assemblagem 7º B.....	31
Figura 6: Assemblagem 7º C.....	31
Figura 7: Assemblagem 7º A.....	32
Figura 8: Estudantes pixando a escola.....	34
Figura 9: Pixo “Não há capitalismo sem racismo - Malcolm X”.....	35
Figura 10: Nomes pichados na fachada da escola.....	35
Figura 11: Figura humanoide modelada em argila a partir da palavra “macio”.....	37
Figura 12: Cobra com texturas modelada em argila a partir da palavra “longo”.....	38
Figura 13: Estudantes modelando sofás em argila a partir da palavra “Macio”.....	38
Figura 14: Cabelo modelado em argila a partir da palavra “Longo”.....	39
Figura 15: Menina de cabelo comprido modelado em argila a partir da palavra “Longo”.....	40
Figura 16: Desenhos: o que gostamos na escola, 2023.....	41
Figura 17: Desenhos: o que não gostamos na escola.....	42
Figura 18: Desenho da sala de aula com uma grande mesa redonda.....	45
Figura 19: Desenho da sala de aula com uma grande mesa para debates e outras mesas para duplas.....	46
Figura 20: Desenho da sala de aula com a professora no centro da sala.....	47
Figura 21: Desenho da sala de aula com cadeiras circulando a sala.....	48
Figura 22: Desenho da sala de aula lúdica e divertida.....	48
Figura 23: Desenho da sala de aula em “U” com cafeteria no centro.....	49
Figura 24: Desenho da escola em formato de estrela.....	51
Figura 25: Desenho da escola em formato de coração.....	52
Figura 26: Desenho da escola em formato de losango.....	53

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b> .....	8
<b>2 O espaço físico da escola a partir de Michel Foucault</b> .....	10
2.1 O espaço escolar.....	10
2.2. O tempo como mecanismo de controle.....	11
2.3. A sala de aula como cárcere do corpo.....	13
2.4. Velhas pedagogias: prisão imaterial.....	15
<b>3 Outros formatos para o aprendizado</b> .....	18
3.1. Escola Panapaná.....	18
3.2. Escola primária de Gando.....	22
<b>4 Residência Pedagógica: um relato de experiência</b> .....	25
4.1. A formação em docência.....	25
4.2. Exercício pedagogia.....	28
4.3. Plano de aula: espaço escolar.....	41
<b>5 Considerações Finais</b> .....	54
<b>Referências</b> .....	56

## 1 INTRODUÇÃO

O espaço escolar, em sua concepção tradicional, foi historicamente desenhado para facilitar a organização e o controle dos estudantes, estabelecendo uma dinâmica que frequentemente limita a liberdade e o potencial de experimentação no ambiente educativo. Esse caráter disciplinador da estrutura escolar, especialmente em instituições públicas, suscita reflexões sobre como a disposição física e os elementos estruturais podem impactar o processo de ensino e aprendizagem, afetando a relação dos estudantes com o conhecimento. Inspirado nas teorias de Michel Foucault sobre poder e vigilância, este trabalho analisa como o espaço escolar, através de suas práticas e configuração arquitetônica, pode agir como um dispositivo de controle, semelhante ao modelo de disciplinamento social discutido em sua obra *Vigiar e Punir*. Ao refletir sobre a escola sob essa ótica, abre-se um debate sobre as restrições que esses ambientes impõem ao desenvolvimento dos estudantes, especialmente em contextos onde o direito ao ensino deveria promover autonomia e pensamento crítico.

Neste contexto, a pesquisa explora alternativas ao modelo de espaço escolar tradicional, evidenciando propostas que desafiam o padrão vigente e oferecem novas perspectivas para a educação. No campo das artes e da arquitetura, algumas iniciativas propõem estruturas que incentivam a liberdade e a interação, substituindo a rigidez disciplinar por um ambiente mais acolhedor e plural. Essas abordagens refletem a possibilidade de uma organização espacial que promova uma experiência educacional enriquecedora, em que o espaço físico atua como facilitador do aprendizado, e não como restritor. Assim, são abordadas alternativas de concepção espacial que poderiam contribuir para uma prática pedagógica mais inclusiva e dinâmica.

Além disso, este trabalho inclui um relato prático das minhas vivências como professora de artes residente na escola pública durante o programa Residência Pedagógica, na qual a experimentação em sala de aula se aliou à exploração das limitações e potencialidades do espaço escolar. Durante essa experiência, foi possível observar, junto aos estudantes, como a configuração física da escola e o seu uso tradicional interfere nas relações de ensino e aprendizagem, especialmente em atividades que exploram a expressão corporal e artística. Essas práticas trouxeram à tona questões sobre como o espaço escolar pode ser utilizado de maneira mais flexível, criando novas possibilidades para a interação e a autonomia dos estudantes dentro do ambiente escolar

Portanto, este trabalho busca compreender e problematizar como a arquitetura escolar influencia o processo de aprendizagem e a construção de saberes, propondo uma visão crítica sobre o modelo tradicional e explorando alternativas que priorizam a liberdade e o desenvolvimento criativo. A análise aqui apresentada

pretende oferecer subsídios para repensar a configuração dos espaços de ensino, incentivando práticas educativas que favoreçam a emancipação e o fortalecimento das identidades culturais e individuais dos estudantes.

## 2 O Espaço físico da escola a partir de Michel Foucault

### 2.1 O espaço escolar

A escola como a conhecemos, tem intrínseca em si algumas características físicas e ideológicas que a constroem como um espaço muitas vezes hostil e controlador, principalmente quando se diz respeito ao recorte de escolas públicas, pois aqui também temos a camada do sucateamento, a falta de investimento e atenção por parte de órgãos governamentais para com as escolas, especialmente as que se encontram em territórios periféricos, colabora para uma experiência ainda mais limitadora e hostilizante para seus estudantes, que dificulta o acesso que crianças, adolescentes e adultos que usam do seu direito ao ensino, a acessarem novas perspectivas de aprendizado, ficando essa tarefa nas mãos de professores organizados e comprometidos com a educação. A formatação de um ambiente escolar é, em geral, um espaço pensado para o controle dos acontecimentos e a limitação dos corpos dos que ali residem, geralmente compostos de uma série de salas de aulas padronizadas, organizadas em um corredor, que leva a poucos lugares de convivência como cantina e pátio, e uma quadra (essa sendo muitas vezes o único espaço ao ar livre presente nas escolas). Essa estrutura, acompanhada de espaços de higiene e espaços administrativos (esse não sendo de acesso dos alunos e das alunas) também é cercada de grades e portas que delimitam quando pode ser feita a passagem entre espaços e por quem pode, tudo isso cercado de muros que impossibilitam o contato com o exterior no período de aulas, a menos que seja previamente planejado e aprovado. Essa arquitetura convencional de uma escola, para muito além de ser pensada para uma melhor organização do espaço e praticidade no dia a dia das atividades, tem em si uma intenção, é um projeto que colabora para o funcionamento do controle das manadas de corpos que ali habitam, para onde vão, em que momento vão e em quantos vão, em qual lugar permanecem por mais tempo e em qual lugar permanecem por pouco tempo, onde pode ser mais fácil de serem vigiados e monitorados, a ordem das coisas em um dia na escola é prevista ao máximo para que nada saia do controle, para que a formatação dos momentos em sala e nos espaços de convivência sejam previamente programadas, criando assim um corpo disciplinado.

Toda uma problemática se desenvolve então: a de uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado - para tornar visíveis os que nela se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder,

oferecê-los a um conhecimento, modificá-los. As pedras podem tornar-se dócil e conheável. (Foucault, 1975, p. 166)

O labirinto que chamamos de escola consiste em um esquema arquitetônico tradicional e comum a maioria das instituições de ensino básico, principalmente as públicas, é comum discutir na educação infantil sobre o espaço como um terceiro educador, entendendo que a maneira como o local de aprendizado é construído e organizado possibilita diferentes aprendizados para seus aprendizes, esse espaço educa o corpo e a maneira como alunos e alunas vão experienciar seus aprendizados durante o período de aulas. Porém esse pensamento não se limita apenas a educação infantil, pois aqui estamos falando de uma configuração espacial que condiciona nossas ações, ela induz ao corpo o que deve ou não ser feito, como sociedade urbana entendemos essas condições como um contrato, uma forma de se organizar, seja em espaços públicos ou privados, mas pensando na escola, um espaço de transformação social cujos objetivos são promover o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de seus estudantes, transmitindo conhecimentos acadêmicos para formar cidadãos críticos e preparados para o nosso contexto social, o que esse espaço nos ensina? a que ele nos conduz?

Pensar a arquitetura escolar e os seus mecanismos a partir da obra vigiar e punir de Michel Foucault nos traz uma perspectiva mais profunda das intenções e dos resultados de um espaço organizado como o de uma escola, alinhado às condições para habitar esse espaço, vamos discorrer sobre as características do que faz o espaço da escola ser um ambiente

## **2.2 O tempo como mecanismo de controle**

A maneira como o tempo é disposto nas escolas também é um dos mecanismos de controle desse espaço, tomamos como exemplo a organização do tempo de aulas nos anos finais do ensino fundamental (que corresponde ao ensino do 6º ao 9º ano) - tempo parcial, em escolas da rede pública estadual de São Paulo, onde a SED-07672 explica que em unidades escolares com um ou dois turnos diurnos, 35 (trinta e cinco) aulas semanais, sendo 7 (sete) aulas diárias, com duração de 45 (quarenta e cinco) minutos cada, totalizando 1.400 (mil e quatrocentas) aulas anuais, o que corresponde a 1.050 (mil e cinquenta) horas anuais, adicionando os 15 minutos de intervalo comum nas escolas de rede pública, temos uma carga horária diária de 5 horas e 30 minutos dentro da escola, quase  $\frac{1}{4}$  do dia dos estudantes. De primeiro momento podemos analisar o quão exaustivo pode ser para um corpo permanecer em um mesmo espaço durante praticamente toda essa carga horária, já que quase que todas as aulas lecionadas no ensino fundamental e médio

costumam ser feitas em sala de aula (isso a depender da didática do professor ou da professora e da estrutura da escola), torna-se repetitivo habitar um mesmo espaço com frequência por um grande período de tempo, o que ocasiona em um corpo cansado, saturado e desconfortável, com pouca disposição para se envolver nos assuntos e atividades das aulas, tornando não só a rotina de estudos das alunas e alunos menos proveitosa, mas também a prática de professores menos funcional

O pouco tempo disponível para intervalo e sociabilidade dos estudantes também é escasso, são apenas 15 minutos reservados para alimentação e interação entre colegas, por mais que haja sim uma sociabilidade em outros períodos e outros espaços da escola, como na sala de aula, lembramos que o intervalo é o tempo permitido para esse momento, a sala de aula é um lugar onde se pede o silêncio e a atenção, tanto da mente quanto do corpo, e quando não há essa obediência por parte dos estudantes, se ocasiona o conflito e a punição

É importante entender que é na escola que crianças e adolescentes desenvolvem suas capacidades sociais e de comunicação, sua coordenação motora e a percepção do seu corpo no espaço, criam relações entre si e vínculos entre amigos e colegas, logo o intervalo, período mais propício para essas ações, não são suficientes para proporcionar esses encontros e aprendizados. Há também, por parte de alunos, o entendimento da quadra como um espaço de respiro e sociabilidade, é nela onde acontecem as aulas de educação física e um dos poucos lugares amplos e ao ar livre dentro da escola, porém essa percepção da quadra é limitada para poucos, já que a quadra carrega consigo o estigma de ser um lugar de esportes reservado para o público masculino, mais comumente o futebol masculino, que é sim um momento de libertação e exercício do corpo e da mente, mas reservado para meninos e homens, como habitam e aproveitam esse espaço as meninas e as mulheres, e as pessoas LGBTQ+? O direito aos espaços escolares também é segregado por questões de gênero e orientação sexual, afinal estamos falando da escola, espaço que faz parte da sociedade em que vivemos e enfrenta as mesmas problemáticas sociais

O tempo como mecanismo de controle nas escolas se faz mais presente dentro das salas de aula, onde, sem respiro, os estudantes lidam com 7 aulas de 45 minutos cada uma seguida das outras, o ato de aprendizado, quando atravessado por um tempo tão corrido, se modifica de maneira onde se torna difícil praticar a experimentação e assimilação do que foi lecionado, essas práticas que por sua vez necessitam não apenas de uma didática mais libertária, mas também de um tempo individual de cada aluna e aluno. A prática de ministrar aulas também se torna uma tarefa difícil, um plano de aula dentro do ensino formal é algo que possui segmento, que tem continuidade e acompanhamento, onde uma aula se costura na outra de alguma maneira, para uma professora ou um professor, adequar as competências exigidas para os estudantes na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) a um

plano pedagógico de aula, em um contexto onde se atendem diversas turmas de 30 ou mais estudantes em uma só sala, lidando com a agitação e o desconforto dos mesmos, o barulho, a falta de interesse e disposição, essas características se tornam fatores que encurtam o pouco tempo de aula disponível, afinal não é apenas uma questão de entrar na sala e apresentar sua proposta de aula, é preciso preparar todo um terreno para conseguir ao menos aplicar suas propostas, de maneira que haja uma compreensão de todos ou ao menos da maioria dos estudantes sobre o conteúdo apresentado. Por mais interessante e libertária que seja a pedagogia de um/uma professor (a), por mais que se tente trabalhar com a autonomia dos alunos e alunas em suas atividades e com o respeito mútuo na relação professor(a) e aluno(a), o fator do tempo, associado a outras questões estruturais da escola, contribui para a manutenção de um ensino bancário onde o tempo é valioso, e a pedagogia deve ser favorável a esse tempo curto, de maneira que não se tem espaço para o ócio, todo momento deve ser aproveitado na intenção de que aquela criança ou adolescente absorva o máximo de informação e conteúdo possível, sem muito espaço para reflexão, discussão e assimilação do que foi apresentado, “No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido” (Foucault, 1975, p. 147). O desafio contra o tempo, preservando características de aula que não foram feitas a partir da pressa, é algo que muitos professores e professoras vem traçando nas escolas públicas estaduais e municipais, fazer o tempo ser aproveitado de maneira orgânica com pedagogias que vão na contramão do modelo de ensino tradicional utilizado nas escolas, modelo esse que também contribui para a manutenção dessa estrutura como cárcere

### **2.3 A sala de aula como cárcere do corpo**

O mecanismo mais potente da escola é, sem dúvidas, a sala de aula, vejamos a sala não apenas como um espaço entre outros na escola, mas como um mecanismo, um instrumento de poder sobre o corpo, mais complexo e mais efetivo. A sala de aula é o espaço que mais compõe a escola como um todo, é onde acontecem as disciplinas e onde os alunos e alunas permanecem na maior parte do tempo em que habitam a escola, geralmente, são várias delas enfileiradas em um corredor, uma sala quadrada e fechada, com poucas janelas e pouca ventilação, que tentam abarcar uma exorbitante quantidade de pessoas, o espaço se torna limitado demais para interação e locomoção, adicionando esse contexto espacial ao do tempo, compreendemos o porquê da agitação, estresse e rebeldia por parte dos estudantes na maioria das escolas, é preciso, principalmente na idade de desenvolvimento da criança e do adolescente, propiciar um ambiente onde suas experiências de aprendizados possam prosseguir de maneira libertadora, um corpo aprisionado não se desenvolve. Indo mais afundo na análise da sala de aula, é importante se atentar a composição da mesma, que é comum na maioria das redes de ensino básico, a composição de 30 carteiras agrupadas e enfileiradas para frente

de uma lousa e da mesa de um professor, a configuração desse espaço automaticamente condiciona o corpo a uma ideia de ensino específica: a frente, está o mestre, aquele que detém o conhecimento, está em posição hierárquica no território da sala, ao mesmo tempo que seu campo de visão é ideal para a vigilância, a posição dos estudantes está para ouvir, ler, ver e copiar o que o mestre apresenta, mas também para serem vigiados, para que sejam limitadas as suas possibilidades de ação, o corpo aqui possui uma localização exata e só pode navegar pela sala com a devida autorização

Mas o princípio de “clausura” não é constante, nem indispensável, nem suficiente nos aparelhos disciplinares. Estes trabalham o espaço de maneira muito mais flexível e mais fina. E em primeiro lugar segundo o princípio da localização imediata ou do *quadriculamento*. Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. (Foucault, 1975, p. 138)

Essa organização espacial é intencional no processo de domesticação do corpo, tornando o mesmo um objeto dominável e sob vigilância, com limites de acesso e organizações comportamentais instaladas em si. A ordem é o objetivo da sala de aula.

É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado do indivíduo, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico. (Foucault, 1975, p. 138)

A partir dessa citação de Foucault, é possível entender as motivações reais do que chamamos mapa da sala, procedimento esse bem comum nas redes de ensino, onde se estabelece, de acordo com cada carteira presente na sala, onde cada aluno e aluna permanecem, sua localização na sala é delimitada para que assim ocorra a vigilância e o controle dos mesmos, são separados uns dos outros aqueles que, em conjunto, atrapalham a ordem das aulas, são colocados em isolamento a frente da sala aqueles que são bagunceiros, que não fazem suas atividades e que não correspondem a normalidade desejada em uma sala de aula, o mapa da sala é um dispositivo que superficialmente se apresenta como um organizador e facilitador para que as aulas ocorram da maneira desejada, mas para além disso, ele é um dispositivo voltado para disciplinar o indivíduo, retirando do mesmo a pouca liberdade e conforto que o mesmo encontrou nesse cubo que chamamos de sala de aula e limitando suas possibilidades de interação entre amigos e colegas no processo de aprendizagem

Em uma análise micro da sala de aula, é interessante também observar os objetos que compõem a mesma. A carteira, móvel esse formado por uma cadeira e uma mesa, é destinado para acomodação do aluno ou da aluna, de forma que seja possível assistir às aulas e escrever o conteúdo apresentado, mas para além desse discurso simplista, a carteira tem mais que isso o resultado de aprisionamento do corpo, seu uso serve para demarcar uma localização do corpo, onde ele deve permanecer, seu formato dificulta a movimentação, e conduz a atenção do corpo sempre para a frente, onde está a lousa, condicionando o corpo a uma ação específica: ficar parado, não virar para os lados ou para trás, a sua frente e a mesa são os seus campos de visão. Quase como um molde para o corpo, ela induz uma posição e formato para o aprendizado, como se fosse possível, dentro de todas as competências apresentadas para a turma durante as aulas, aprender apenas nesse formato, ignorando que o corpo também precisa de estímulos, precisa de experiência, tenta torná-lo um corpo com disciplina, que é fixo, que é previsível

A lousa por fim, se torna o grande alvo, ela por si só é um objeto hierárquico na sala de aula, primeiramente, por pertencer ao professor, não é um objeto de uso comum, sua utilização por parte dos estudantes requer uma autorização prévia. Tudo que é escrito na lousa é automaticamente algo a ser copiado, quando o professor começa a rabiscar com giz a grande tela dentro da sala, o corpo dos alunos e alunas se volta para o molde da carteira, sua atenção alterna entre ler o que está sendo escrito e copiar em suas cadernos, um corpo mecânico e funcional, útil, está em funcionamento. Essas funcionalidades e mecanismos tradicionalmente usados na sala de aula somente interessam a um recorte de ensino fundado na formação de um indivíduo como algo útil, a ser utilizável, que é manejável e industrial, criado por pedagogias de memorização e cópia, sem pensamento crítico e sem autonomia, um ensino que precisa de um corpo aprisionado para ser disciplinado.

#### **2.4 Velhas pedagogias: prisão imaterial**

A pedagogia exercida por professores e professoras também é fator primordial na experiência do aluno e da aluna dentro da escola, afinal somos nós nesse espaço como facilitadores, como quem organiza o momento de aula a fim de um objetivo de aprendizado para os estudantes, pensando conteúdos e didáticas a serem apresentados e exercidos em sala. Velhas pedagogias, construídas a partir de planos de aula majoritariamente expositivos e teóricos, fundados no exercício da memorização e da cópia e ignorando os saberes que cada estudante traz consigo, partem da ideia de enxergar os alunos e alunas como depósitos de conhecimentos, como no sentido da palavra, aquele que precisa ser iluminado, que não tem luz. Retira-se então a autonomia do(a) estudante a ter contato com um conteúdo específico e relacionar com suas vivências, construindo então novas relações e contatos com o aprendizado. Os mecanismos que fomentam esse pensamento atrasado em relação ao ensino são variados, destaco aqui, alguns comuns entre

muitas escolas e até mesmo outras instituições de educação, a prova, ou exame, por si só é puramente o alvo da prática de cópia e memorização, são pensadas exatamente para avaliar o quão disciplinado um aluno ou aluna foi na prática de decorar uma informação, depositar esse conhecimento em si ao qual pode reproduzi-lo, sem muita reflexão ou construção de conhecimento em cima disso. Há também toda uma pressão em cima do exame, é um momento decisivo e de ansiedade, suas capacidades como aprendiz são avaliadas e validadas a partir de um formato exaustivo para o corpo e a mente, seus acessos e oportunidades são decididos a partir de um modelo que não engloba as variadas formas de conhecimentos. É também uma manutenção das características carcerárias presentes na escola, mais do que no dia a dia de aulas, o momento do exame é quando se deve seguir a risca as regras e imposições que a estrutura física da escola pode nos impor, todos em sua devida localização na sala, não se deve olhar para nenhuma direção que não seja a do seu exame, a comunicação entre estudantes é proibida, e mesmo a comunicação com o professor e a professora deve ter um propósito específico de acordo com o momento do exame, não se pode movimentar o corpo demais, deve ficar fixo ao molde da carteira, a função do professor e professora aqui é de vigilância, observar se o momento do exame está sendo respeitado, e punir, com a desclassificação, com o vexame, quem não obedeça as devidas normas estabelecidas

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. (Foucault, 1975, p. 177)

Aqui a punição serve como ferramenta de controle, ferramenta essa utilizada em todos os momentos na escola, seja na sala, seja durante o exame, seja mesmo durante o intervalo, a vigília atenta observa os comportamentos que fogem do esperado para a formação de um aluno ou aluna dentro de uma escola, a partir de uma perspectiva normalizadora e higienista, segundo Foucault (1975, p.176) “A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza”. Por meio da disciplina, se faz o trabalho de modelagem de um estudante “inteligente, de caráter e com futuro”, atribuindo a este corpo status que não levam em consideração suas individualidades e partem de um entendimento de “sucesso” obsoleto, onde sucedido é aquele ou aquela que conquista o que é esperado dele(a), que se contem com esse lugar atribuído e que faz parte dos mecanismos de configuração de uma sociedade, a prova ou exame é a principal ferramenta de filtragem dos indivíduos que obtiveram sucesso no processo normalizador e se tornaram pertencentes de uma sociedade

Foucault trabalha em sua obra a evolução dos sistemas prisionais, analisando as características desse sistema que, anteriormente ao século XVIII, era pautado em uma punição corporal e espetacularizada, como forma de exemplo público, esse modelo se transformou pós século XVIII em um sistema que trabalha de maneira mais profunda e discreta, utilizando das características citadas acima como mecanismos de controle, disciplina e punição do sujeito. É importante ressaltar que, diferente de Foucault, não acredito que seja justo nomear a escola como uma prisão, mas entender como essas características e os modos de funcionamento desse espaço tornam da escola um espaço carcerário para seus alunos e alunas, e a partir disso, traçar outros usos dessa configuração pré-estabelecida e, quando possível, outros arranjos para esse espaço

### 3 Outros formatos para o aprendizado

Pensar a escola para além dos moldes tradicionalmente utilizados quando trabalhamos o ensino vem sendo uma tarefa desafiadora e cheia de camadas traçadas por profissionais da educação, a escola como estrutura já induz e cobra um tipo de funcionamento específico para o ensino, que como mencionado anteriormente, limita as possibilidades de vivências do aprendiz nesse espaço e torna a experiência na escola um teste de resistência massante. Seria possível pensar em outros formatos e configurações para alocar o aprendizado? Entendendo as características e os detalhes presentes no formato tradicional de escola e como podemos transformá-las para o benefício da educação libertadora?

#### 3.1 Escola Panapaná

Para traçar outros imaginários a respeito da estrutura e funcionamento de uma escola, Denilson Baniwa, artista indígena do povo Baniwa, apresentou entre março e julho de 2023, no octógono da Pinacoteca de São Paulo, a escola Panapaná, uma instalação em formato de escola que ocupou o octógono do edifício pina luz como obra de arte. A escola panapaná consiste em uma estrutura de três andares feita de metal e madeira, com duas grandes velas laterais de pano que remetem às asas de uma borboleta, no topo da estrutura, um círculo estampado mostra o ciclo de vida de uma mariposa, durante o período da exposição, a estrutura evoca a imagem de um casulo, que se transforma em uma borboleta com o passar do tempo. A escola panapaná abrigou em seu interior aulas de língua Baniwa e Guarani e de culturas, pensamentos e histórias indígenas no Brasil, todas abertas ao público, no último pavimento, houve apresentações e ensaios de músicos indígenas para os visitantes da Pinacoteca. Denilson a partir dessa proposta pedagógica reivindica um espaço para as culturas indígenas que deveriam ser apresentadas e aprofundadas no ensino básico e formal, a diversidade de culturas, línguas e saberes indígenas que pouco foram dadas a importância na instituição formal de ensino se encontram nessa instalação para o público, e qualquer pessoa indígena que queria apresentar alguma manifestação artística e/ou educativa tem a escola panapaná a sua disposição para ocupação. A escola panapaná apresenta diferenças significativas em relação ao modelo tradicional de escola, não apenas em sua estrutura mas nas suas ideias de funcionamento, que modificam as configurações de um espaço de aprendizado, aqui, Denilson trabalha a partir dos saberes indígenas para construção desta instalação, ele elabora uma analogia entre o tempo do cultivo e o tempo da educação, por meio da imagem da metamorfose da borboleta, a obra é fundada na narrativa mítica baniwa, ligada aos processos de coivara, cultivo da roça, semeadura e colheita. Panapaná, que dá nome a escola, é também o nome que designa o coletivo de borboletas, que remete à ideia de comportamento coletivo, do contato e da presença, ela está também ligada à ideia da dispersão e da migração para a garantia da biodiversidade e da reprodução das ideias transformadas pela

educação, essa analogia entra em funcionamento na obra/escola pela configuração da mesma, um espaço aberto que promove o encontro entre as pessoas que por ali passam, Denilson não entende a escola panapaná como o local onde o conhecimento acontece e fica, mas pensa a partir da ideia de que os aprendizados produzidos ali, migrarão para fora a partir das pessoas visitantes. Como o coletivo de borboletas migra, a simbologia panapaná está presente não apenas na construção da estrutura da escola, mas também no pensamento por trás dela, o corpo é livre para transitar e permanecer, e aqui se entende que esse movimento do corpo faz com que se adquira a experiência que chamamos de educação, um contraponto às características da escola tradicional onde se trabalha o aprendizado de maneira estática, na sobrecarga da mente e no depósito de informações. Percebemos aqui também a relação entre a construção e organização de um espaço e suas ideologias segundo Denilson

Em uma dessas transformações, que hoje é visível para gente, sai da metafísica e vai pro físico, é que quando está na hora de fazer a coivara para preparar o terreno para plantar, aparece geralmente algumas lagartas super coloridas, que indicam para gente que está na hora de começar a plantar, durante o tempo da lagarta vai para o casulo, e para a borboleta, mas a lagarta indica o tempo de começar a preparar o terreno, acompanha também a transformação da borboleta. É nesse sentido, a borboleta é o bio-indicador do tempo das coisas, do tempo de plantar, do tempo de cuidar do terreno. Eu acho que é isso a gente está aqui na Pinacoteca, considerando que esse casulo que está aqui é um indicador de que a mudança de tempo está acontecendo na arte, na Pinacoteca, enfim... e que a gente faz parte disso, cabe a nós então reconhecer esse casulo e começar a propor mudanças, trabalhar as mudanças, preparar o terreno também. (Baniwa, Denilson, 2023)

A borboleta como bio-indicador do tempo das coisas no processo de preparação do terreno e colheita é usada por Denilson como bio-indicador das mudanças na arte a partir da estrutura da escola panapaná, construída em formato de mariposa, carrega consigo esse simbolismo para o propósito da escola, indicando que é tempo de mudanças e de novas colheitas nos processos institucionais tanto da arte quanto da educação, já a escola nos moldes tradicionais, tem a mesma aparência de uma prisão, e seu funcionamento não é diferente, temos localizações para o corpo permanecer durante um período específico de tempo, salas de aulas onde a ordem, o silêncio e a disciplina são dispostos não só pelas regras e pelas autoridades, mas pela própria espacialidade, que condiciona o corpo ao enrijecimento do mesmo em um único lugar, a carteira, e a uma única direção, a lousa

Figura 1 - Escola panapaná



Fonte: PINACOTECA (2023)

Outra característica marcante da escola panapaná surge das transformações que acontecem nessa instalação durante o período de exposição, no térreo da estrutura e ao redor da mesma, são instalados os registros das atividades que ali aconteceram, gravações das aulas são exibidas em TVs, desenhos de grafismo, frases em português, língua baniwa e tupi guarani e outras produções resultantes das aulas que ocorreram dentro da escola incorporam a instalação construindo sua identidade ao decorrer do tempo, as pessoas que visitaram e fizeram acontecer as aulas da escola tem sua passagem por ali registrada materialmente e incorporada ao corpo da escola panapaná. Penso no espaço da escola tradicional e suas impossibilidades de intervenção na mesma, o formato e estética escolar é padrão, a ideia de que os alunos e as alunas que passam parte importante e significativa de suas vidas naquele local, que tem ali momentos de desenvolvimento e transformação pessoal não podem incorporar e intervir nesse espaço é duramente seguidas nessas instituições, é proibida uma intervenção permanente, ou até mesmo efêmera no espaço da escola, o registro das pessoas que habitavam aquele local é apenas algo documental e burocrático, não traduzindo de forma material e

palpável as experiências e acontecimentos vividos no espaço escolar. É muito comum nas aulas de artes no ensino básico que a exposição das produções pessoais dos estudantes aconteça no formato tradicional de exposição: desenhos em folha de papel agrupados em uma parede temporariamente, apesar de reconhecer e aderir essa prática, me pergunto o quão suficiente ela é a ponto de causar um impacto significativo não só nas pessoas que estarão em contato com essas produções ao passar pela escola, mas também com o/a jovem artista que está expondo os resultados de seus processos criativos em sala de aula, quais relações entre o espaço e a intervenção no mesmo são possíveis a partir desse formato e quais não são, e que outras propostas de reconstrução material dos espaços da escola são possíveis a partir da intervenção de seus próprios alunos e alunas

Trago como referência a escola panapaná de Denilson Baniwa como uma maneira de enxergar na arte caminhos possíveis para a realidade, pensando aqui esse recorte de instalação, seu funcionamento e suas propostas como uma referência quando pensando o espaço físico da escola e seus desdobramentos na educação

“O trabalho do Denilson não é o objeto, o trabalho do Denilson é aquilo que o objeto permite que aconteça”  
(MENEZES, 2023)

### 3.2 Escola primária de Gando

Quando pensamos a estrutura física da escola e seus desdobramentos no ensino, urge a necessidade de analisar os processos arquitetônicos que constroem a escola para além do levantamento do edifício, quais soluções materiais e espaciais são utilizadas no momento de elaborar o projeto de um espaço escolar e a quais demandas e necessidades elas estão dando conta. A escola primária de Gando é o primeiro projeto construído do arquiteto Diébédo Francis Kéré, nativo de Gando, Burkina Faso, região com escassez de recursos e sem um sistema de educação acessível, sem acesso a eletricidade e água potável, Francis Kéré precisava viajar cerca de 40 km para chegar a escola mais próxima de sua região. Posteriormente radicado em Berlim, Alemanha, onde estudou arquitetura, Diébédo volta para sua comunidade e constrói a escola primária de Gando, primeira escola da região e um projeto de arquitetura sustentável e comunitária, aqui ele realiza o processo arquitetônico a partir das necessidades da comunidade e das particularidades da região

O projeto do arquiteto se guiou pelas necessidades de conforto climático e sustentabilidade, baixo custo de construção e um trabalho participativo com a comunidade local.

Enquanto estudava na Alemanha, Francis criou uma associação para criar um fundo de financiamento do projeto escolar em sua aldeia natal, esse recurso financeiro associado ao trabalho participativo da comunidade e ao uso das tecnologias tradicionais da região para a construção da escola possibilitou o levantamento da mesma. Francis construiu a escola primária de Gando com argila retirada do próprio solo da região pelos seus habitantes, fez um chão de barro compactando e polindo a argila, e paredes de blocos compactados de argila, técnica utilizada pelos habitantes da região, a ideia também era criar um conforto térmico nas salas de aula, visto que em Burkina Faso as temperaturas são muito elevadas, as paredes de argila funcionam como uma barreira de isolamento térmico entre seu interior e o exterior, nas paredes da escola foram colocadas grandes janelas coloridas com persianas dobráveis, que tem como vantagem permitir a circulação de ar mesmo quando fechadas, o telhado de metal ondulado que fica acima da laje de tijolos é ligeiramente levantado, proporcionando sombreamento e ventilação na escola. Ao observar a maneira como Diébédo pensou as soluções arquitetônicas para a escola primária de Gando (e ele faz o mesmo em outros projetos construídos), se entende que o processo de construção do edifício está diretamente ligado não só com o seu propósito final, mas com as condições necessárias para que o uso desse espaço seja feito da melhor maneira. Na arquitetura padrão de uma escola, é possível observar as limitações que o projeto tem em relação a sua funcionalidade, em minha experiência como professora da rede pública municipal de ensino de São Paulo, não era incomum que os alunos e as alunas reclamassem em relação às condições sensoriais do espaço, um lugar fechado e abafado e sem ventilação, que

influencia diretamente no aproveitamento dos estudantes e nos seus processos de aprendizado dentro da escola, é necessário criar condições para que o corpo possa habitar um espaço da maneira que ele se propõe, e na escola se torna nítido como essas características, atreladas as dinâmicas organizacionais do espaço escolar já comentadas anteriormente, atravessam o sistema de ensino

Figura 2 - Escola primária de Gando



Fonte: KÉRÉ ARCHITECTURE (2023).

Francis Kéré inova na arquitetura também ao se utilizar do processo de fabricação de tijolos com argila e do material que ergue a escola, o uso dessa tecnologia regional foi ideal para as necessidades da escola e funcionam melhor do que um modelo tradicional ocidental de construção funcionária, e principalmente atrelado ao ao trabalho participativo dos moradores da aldeia na construção do edifício, as crianças recolheram pedras para a fundação da escola e as mulheres trouxeram água para a fabricação dos tijolos, realizaram o processo de compactar e polir o chão do barro, dessa forma a comunidade, participando da construção desse edifício, tem autonomia para manutenção do mesmo

Me interesse aqui o caminho que o pensamento sobre arquitetura de Francis Kéré faz, não apenas na escola primária de Gando, mas também em todos os seus projetos arquitetônicos, ele realiza um projeto a partir do território onde o mesmo será feito, o objetivo final da construção não é o único fator importante do processo, é preciso entender quem irá habitar aquele espaço, o que será feito e para que será

feito, quais são as necessidades gerais e específicas da comunidade ao entorno e como fazer para suprir essas necessidades, ele pensa em construir um espaço sustentável e que proporcione conforto para aqueles que o habitam, pois estamos falando de espaços muitas vezes de permanência para as pessoas, entendendo que um corpo sente o espaço e a utilidade desse espaço depende do quão a vontade esse corpo pode ficar. No mesmo momento os mais variados relatos de alunos e alunas que dei aula vem a minha mente, o desconforto do corpo na escola está atrelado a diversos fatores, mas entre elas, a organização espacial é fundamental causador desse desconforto, e é preciso entender aqui que esses mecanismos fazem parte de um plano de domesticação por parte do projeto arquitetônico de uma escola

Imagino em que poderia se transformar a escola tradicional a partir de uma arquitetura que levasse em consideração as necessidades daqueles que vão habitar-la, o que sairia de um projeto que tivesse a participação das pessoas do entorno, características essas que geralmente não são levadas em consideração na arquitetura comercial e capitalista de hoje, que projeta construções sem pensar naqueles e naquelas que vão utilizá-la, são um dos primeiros fundamentos de Diébédo Francis Kéré em seus projetos, um profissional que pensa seus projetos a partir de uma arquitetura humanitária e sensível, social e política, e uma forte referência para pensarmos espaços de convivência como o da escola atualmente.

Ele sabe que a arquitetura não é sobre o objeto, mas o objetivo; não o produto, mas o processo. Todo o corpo de trabalho de Francis Kéré nos mostra o poder da materialidade enraizada no lugar. Seus edifícios, para (e com) as comunidades, são diretamente dessas comunidades – em sua construção, seus materiais, seus programas e seus personagens únicos. (PRITZKER ARCHITECTURE PRIZE, 2022).

## **4 Residência pedagógica: um relato de experiência**

### **4.1 A formação em docência**

Entre novembro de 2022 a abril de 2024, participei do programa Residência Pedagógica, onde tive meu primeiro contato com a escola na posição de professora, acompanhando, orientando e ministrando aulas de artes para alunas e alunos do 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental II, na EMEF Cacilda Becker. A partir dessa experiência, relato aqui o desenvolvimento do programa, os aprendizados e desafios percorridos por mim e pela minha colega de residência Ellen

O programa Residência Pedagógica foi uma parceria entre a Universidade Estadual Paulista UNESP e a CAPES, com o objetivo de oferecer para alunos e alunas dos cursos de graduação em artes da Unesp, uma formação voltada para o exercício da profissão de professor(a) de artes no modelo de ensino formal na rede pública municipal de São Paulo. Diferente dos modelos de estágio tradicionais que estudantes de licenciaturas costumam participar, esses geralmente em escolas privadas, com uma carga horária de 30h semanais e uma vivência que pouco estimula criticamente os estagiários em relação aos desafios da escola, aqui, temos um modelo de experiência de trabalho ideal. A residência pedagógica é formada por um grupo de residentes (bolsistas e não bolsistas) alunos(as) dos cursos de graduação em artes da Unesp, coordenados por um docente da universidade e supervisionados pela professora ou professor da escola participante do programa. A formatação do programa inclui não apenas as idas à escola, mas também, encontros semanais para refletirmos sobre as experiências ou alimentarmos nossos repertórios artísticos-pedagógicos, e mesmo as idas a escola, iniciam de maneira em que primeiro adentramos aquele espaço como observadores, acompanhando a/o titular em suas aulas, nos familiarizando com a estrutura e as pessoas que habitam aquele espaço, para só depois, assumir a posição de professor(a) e ministrar aulas de artes para os alunos e as alunas. Reforço esse modelo de “estágio” como ideal, pois temos tempo para assimilar os acontecimentos, para experimentar essa nova posição em um terreno tão complexo e desafiador como a escola, criando aos poucos, vínculo com os estudantes e familiaridade com o espaço, entendendo como o mesmo funciona, somos acompanhados e acompanhadas por nossos coordenadores e supervisores na escola, que nos garante uma segurança para experimentar sem medo, mas com comprometimento, a profissão que pretendemos exercer no futuro.

Sobre a minha experiência no programa, participei de um grupo de residentes com estudantes dos cursos de artes visuais, licenciatura em música e licenciatura em arte-teatro, coordenados pela professora Rejane Galvão Coutinho e Sidney Peterson. Fui alocada junto com minha colega, Ellen de Souza Vitalino, estudante

de licenciatura em arte-teatro, na EMEF Cacilda Becker, situada na região do Jabaquara, sob supervisão da professora preceptora Marilene Lopes de Araujo

Durante o primeiro semestre de 2023, começamos a frequentar a escola Cacilda Becker, nesse primeiro momento, como mencionado anteriormente, assumimos a posição de observadoras, acompanhando a professora Marilene em suas aulas. Meu primeiro dia foi um mix de percepções, a escola estava terminando algumas reformas, então o ambiente estava muito mais caótico do que costumava ser, foi impossível para a professora ministrar algumas aulas, pelo barulho e falta de espaço dentro da própria sala de aula. Muitas memórias emergiram em mim naquele primeiro dia, lembranças dos meus tempos de aluna na escola, muitas delas negativas, a EMEF Cacilda Becker não parecia muito diferente da escola em que estudei, uma estrutura comum, com uma rede de estudantes periféricos, com suas vulnerabilidades sociais de classe, raça, gênero e sexualidade presentes, destaco aqui minha atenção para a comunidade LGBTQ+ na escola, mesmo 7 anos se passando da última vez que estive no ensino médio na escola Walker da Costa Barbosa em São Bernardo do Campo, até esse momento na Cacilda Becker, tive exatamente a mesma impressão: uma esmagadora normalização heteronormativa, não é como se não houvessem pessoas LGBTQ na escola, elas sempre estiveram lá, mas a expressão de sua sexualidade e de gênero ainda era um perigo, mesmo 7 anos depois, eram poucas as pessoas visivelmente confortáveis em ser quem elas são naquele ambiente, no mesmo momento, me recordei da fala de dois colegas de trabalho em 2021, ambos homens cis brancos e heterossexuais, me dizendo que “hoje em dia tem muitos gays nas escolas, já não é mais um tabu”, naquela época eu já sabia que essa afirmação estava errada, e esse momento na escola me confirmou isso mais uma vez, a escola infelizmente ainda é um espaço perigoso para quem distoia da norma hetero-cis, assim como na sociedade em geral. Me perguntei como meu corpo seria observado e tratado naquele território, ainda em processo de transição, mas visivelmente uma pessoa não conformista de gênero e não heteronormativa, no fim das contas eu não estava sozinha, mesmo o ambiente escolar tendo mudado pouco em relação a essa questão, pude conhecer uma aluna que não me fez temer, uma estudante preta, que se relacionava afetivamente com meninas, desmontrava sua identidade sem muito se preocupar com os outros, ela impunha respeito sobre o corpo dela naquela escola, não tinha medo de desobedecer e enfrentar qualquer ataque direcionado a ela, aqui não cabe atribuir a sexualidade ou o gênero dessa pessoa, o importante foi perceber o quão livre ela se sentia em ser ela mesma, mesmo estando sob condições desfavoráveis

Esse episódio foi com certeza o que mais me atravessou no primeiro dia na escola, me fez lembrar mais uma vez o que eu queria realizar como residente, a escola possui muitos desafios e problemáticas em si, mas há ali, um conjunto de pessoas em formação, iniciando suas experiências em sociedade, como eu, um corpo divergente, com uma formação superior em andamento, e diversas outras vivências que me constroem como pessoa, poderia contribuir para com meus futuros alunos e

alunas? O primeiro dia de aula não me frustrou, e por mais desafiador que possa parecer, tinha algo que me dava ânimo de estar ali, parecia certo realizar esse tipo de trabalho, muito mais do que diversos outros que realizei em minha trajetória profissional, naquele primeiro dia, entrei na escola com medo e sai dela esperançosa

A rotina na residência se seguiu até o final do primeiro semestre dessa maneira, observando e auxiliando a professora Marilene em suas aulas, criando novas percepções e desejos com a escola, concomitantemente, aconteciam os encontros na Unesp com os coordenadores do projeto, onde eu e a Ellen, em conjunto com os outros residentes, compartilhamos nossas vivências em sala, esse momento foi muito importante não apenas para receber uma orientação dos coordenadores, mas para ouvir os relatos em comum com nossos colegas, apesar de suas particularidades, a experiência na escola não é individual, perceber a mesma preocupação que eu tinha vindo de outra pessoa em um processo de formação similar ao meu me fez perceber que eu não estava sozinha, e me abriu horizontes de possibilidades para lidar com essas questões, nada imediato, não saímos das reuniões com respostas objetivas e absolutas, mas sempre instigados e instigadas a olhar para a questão por outros ângulos, com um olhar mais calmo, com outras possibilidades. Ao mesmo tempo que tínhamos esse momento de reflexão das experiências na escola, as reuniões da RP (Residência Pedagógica) nos serviram como um espaço para ampliar nossos repertórios artísticos pensando seu uso na escola, foi criada a oficina de pequenas coisas, onde os residentes puderam propor oficinas em linguagens artísticas de seu domínio, para compartilhar com os colegas, aprendemos jogos teatrais, exercícios de circo com bambolê, pintura em aquarela com tinta de café, modelagem em cerâmica, gravura, entre outras. No contexto da escola, onde o professor ou a professora de artes precisa ter conhecimento em praticamente todas as linguagens artísticas (as visuais, cênicas, musicais e de dança) é desafiador e injusto esperar que apenas um profissional, mesmo com graduação superior, seja capaz de lecionar tantos formatos de arte, a oficina de pequenas coisas abriu espaço para experimentar linguagens que muitas vezes são distantes para nós, a depender da nossa formação e vivência nas artes, além de nos dar autonomia como propositores e propositoras no ensino das artes em um espaço dedicado justamente a essa experiência

No segundo semestre de 2023, iniciamos o maior desafio do qual o projeto nos propõe, assumimos algumas turmas da professora Marilene e, a partir de agora, nós somos responsáveis por ministrar as aulas de artes para três 7º anos, dois 8º anos e um 9º ano. Apesar de ser um momento de ansiedade para mim e para a Ellen, ter tido um semestre inteiro de observação e auxílio nas aulas de artes nos deu uma tranquilidade e confiança para iniciarmos nossos desejos como professoras, já conhecemos os alunos e as alunas, já estávamos familiarizadas com a escola e os profissionais presentes nela e observamos de perto uma profissional da arte educação como a Marilene, com anos de carreira no ensino formal, atuando em

sala, o que nos deu referência sobre o que queríamos e o que não queríamos realizar nas nossas aulas de artes.

## 4.2 Exercício pedagogia

No primeiro dia na escola como professoras, eu e Ellen decidimos fazer com as turmas uma dinâmica para conhecermos melhor os repertórios dos alunos e alunas, escrevemos na lousa três perguntas: O que é arte para você? O que você gostaria de ver nas aulas de artes? Que tipo de arte você pratica?

A turma recebeu três post-it cada um, onde anotaram as respostas e colaram no espaço da lousa correspondente a cada pergunta. Além de descobrir quais são as percepções dos estudantes em relação a arte e seus desejos, tivemos um momento de mais ação dentro da sala de aula, onde houve movimento, comunicação e troca entre alunas e alunos, e o uso compartilhado da lousa, aproveitando esse grande espaço para intervenção de cada um. Repetimos esse processo com todas as turmas e, a partir desse entendimento obtido, nossos desejos como professoras e as competências a serem lecionadas de acordo com cada série, começamos a pensar e desenvolver planos de aula para nossas turmas. Neste momento, foi muito oportuno ser uma dupla composta por uma estudante de artes visuais e uma estudante de licenciatura em arte teatro, podemos complementar nossos repertórios e oferecer para os estudantes experiências de aprendizados que não se limitassem as expressões apenas plásticas, que geralmente é o que é mais praticado na disciplina de artes no ensino básico nas escolas

Para o 3º semestre do ano, nosso primeiro semestre como professoras da sala, organizamos nossas aulas de maneira a sempre dividir entre aulas teóricas/expositivas e outras práticas, intercalando-as a fim de dar um respiro a cada modalidade, sempre trazendo conosco nossos princípios sobre a educação, de dar autonomia aos alunos, com ênfase no processo criativo e na experimentação, pensando uma educação libertadora e com referenciais relevante para temas sociais que se intercalam com a arte, ter respeito e amor pela profissão e propiciar aos alunos e as alunas uma boa experiência com as artes na escola era o nosso grande objetivo e nossa maior preocupação. Dos muitos temas que eu e Ellen pensamos e apresentamos na escola, relato alguns deles aqui, a partir dos nossos planos de aulas realizados com os estudantes

Com os 7º anos, decidimos trabalhar a identidade a partir de um recorte artístico tridimensional, pensar como nós estendemos quem nós somos para além do nosso corpo a partir de objetos e coisas do cotidiano, coisas que pertencem a um indivíduo ou ao coletivo, que faz parte da rotina ou que te atravessa de alguma maneira especial, que te pertence e que te complementa. Propomos no início do semestre que as alunas e os alunos trouxessem algum objeto pessoal que os representassem

e/ou que os apresentassem de alguma maneira, a fim de conhecer melhor nossos aprendizes e iniciar o processo de construção da identidade no fazer artístico. A aula se seguiu da seguinte forma: todos e todas trouxeram o objeto pedido e fomos para fora da sala, desde o começo, o espaço físico da escola já era uma questão que eu queria trabalhar, a sala de aula não é um espaço ideal para a grande maioria das minhas propostas de aula, nesse primeiro momento, ainda filtrando aonde eu poderia pisar e ocupar na escola, realizamos a aula no Boulevard, o espaço de entrada e saída dos estudantes da escola, com algumas mesas e banquinhos de concreto, arejado e bem iluminado, espaçoso o suficiente para movimentar o corpo e propor outros arranjos e organizações dos alunos e alunas, acabou sendo um dos espaços que mais usamos na escola, tanto para aulas práticas ou para aulas de grandes conversas

Figura 3 - Boulevard EMEF Cacilda Becker



Fonte: Autora, 2023

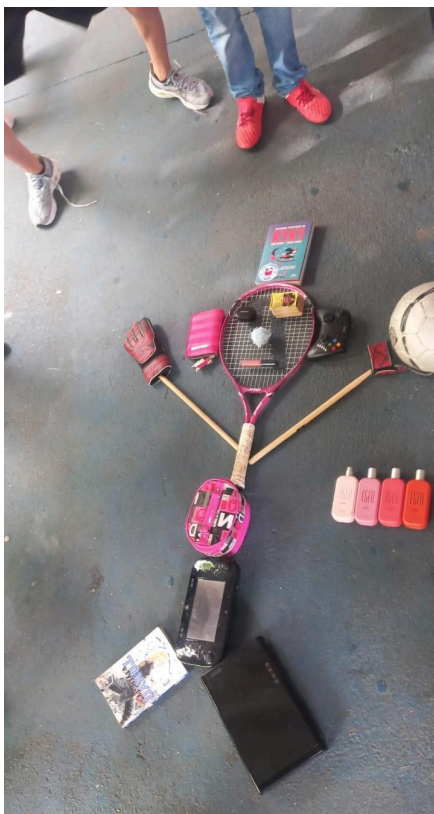
Figura 4 - Boulevard EMEF Cacilda Becker



Fonte: Autora, 2023

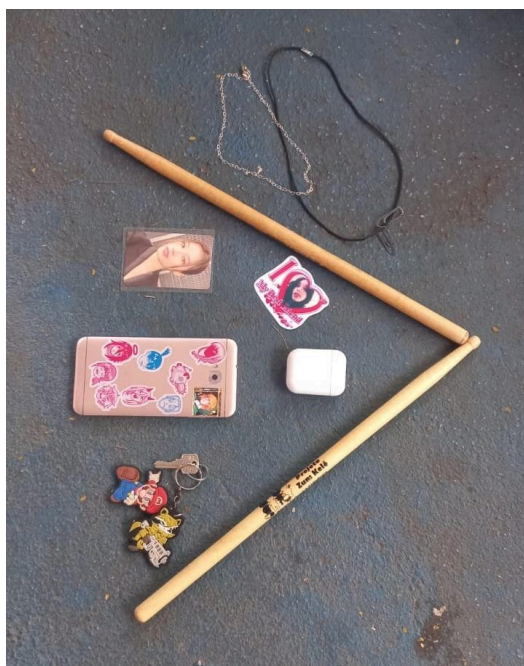
Seguindo a proposta, sentamos em roda, a ideia era que cada um se apresentasse, mostrasse o objeto escolhido, e dissesse porque o escolheu e qual sua relação com aquele objeto, a aula seguiu de maneira divertida, foram apresentadas coisas de uso pessoal, outras de valor afetivo, objetos muito usados no dia a dia, ou que representassem algo que gostavam muito de fazer. A cada apresentação, o objeto pessoal de cada um era colocado no centro da roda, e ao final de todas as apresentações, foi proposto aos alunos e as alunas que, agora, entendendo o significado de cada objeto e suas possíveis relações entre si, que fizessem uma assemblagem, uma espécie de colagem física, reorganizando os objetos postos de maneira coletiva. Apesar de ser uma linguagem pouco conhecida, a assemblagem é simples de maneira geral, e os estudantes entenderam rapidamente do que se tratava, as figuras que surgiram da composição dos objetos reorganizados foi inusitada, uma meio humanoide, outra parecendo uma paisagem, e a terceira mais abstrata do que estava antes, foram momentos de diversão mas também de pensamento estético e material por parte da turma, afinal, não é fácil construir em pouco tempo e em coletivo uma nova organização dos objetos entendendo suas relações, mas cada turma a sua maneira demonstrou repertório e autenticidade em suas efêmeras criações

Figura 5 - Assemblagem 7º B



Fonte: Autora, 2023

Figura 6 - Assemblagem 7º C



Fonte: Autora, 2023

Figura 7 - Assemblagem 7º A



Fonte: Autora, 2023

A partir desse exercício de assemblagem pensando objetos e coisas pessoais, aproveitamos para costurar essa prática com uma aula expositiva onde apresentamos alguns artistas que trabalham suas singularidades em seus trabalhos artísticos a partir de objetos tridimensionais, aqui foi proveitoso uma aula mais prática antes para interessar os estudantes a respeito da aula seguinte, eles e elas puderam exercitar o fazer artístico de maneira despreziosa e efêmera, que contribuiu também para um melhor entendimento das produções artísticas dos artistas Bispo de Rosário e Quebradinha, apresentados em aula

A utilização da sala se deu de maneira tradicional, utilizando o projetor para mostrar as obras e discorrer sobre elas, a espacialidade e o clima desse formato de aula, apesar de ideal para o momento, ainda me incomodam, pois existem algumas barreiras, alguns ficam ao fundo da sala e pode se tornar difícil ver ou ouvir o que está sendo apresentado, outros se dispersam com um momento mais conteudista, tento em minhas práticas exercitar o corpo dos alunos e alunas mesmo estando estáticos na sala, são elas e eles que leem o slide, as informações que apresento sobre os artistas vêm acompanhadas de provocações e questionamentos em relação às opiniões e percepções dos estudantes referente ao tema, uma conversa sobre o assunto se cria no momento da aula para que possamos ao menos não ficar com a mente estática, a voz da sala vem de lugares diferentes e vai para outros que

não sejam apenas a minha posição como professora a frente da turma. Usamos muito desse modelo nas aulas com os 8º anos, onde minha colega Ellen propõe que trabalhássemos a oralidade e a contação de histórias como norteador do semestre, a tradição oral é um conhecimento ancestral de povos indígenas e afro-brasileiros, utilizando a voz como ferramenta para passar e criar conhecimento ao invés de apenas metodologias de escrita tradicionalmente usadas nos espaços de ensino, a partir disso, realizamos sequências pedagógicas diversas com exercícios de voz

O jogo foi uma ferramenta muito importante nessas sequências, em uma das primeiras aulas, a turma formou e contou uma história coletiva, com cada um falando uma palavra por vez, costurando uma na outra a fim de criar uma narrativa. Tivemos dificuldade em realizar essa e outras aulas por conta do constante barulho que vem de fora da sala em um dos períodos de intervalo, mas também do perfil específico da turma mais agitada, 30 pessoas ansiosas com uma enorme dificuldade de praticar a escuta quando não era seu momento de fala, tentamos também dividir a sala em grupos, para que outras atividades da voz e da palavra sejam feitas em um núcleo menor para depois compartilhar com a sala toda, apesar dos desafios, a proposta seguiu e conseguimos iniciar uma experimentação com a voz que nos levou a trazer outras atividades e conteúdos relacionados. Um dos jogos mais divertidos e interessantes foi o de contação de histórias, eu e Ellen, em momentos diferentes, contamos duas histórias para a turma, uma era verdade e outra mentira, o desafio era que a sala adivinhasse qual era qual, além da óbvia diversão presente no jogo, foi mais suscetível para os alunos e as alunas praticarem a escuta, afinal, era preciso prestar atenção para adivinhar a história verdadeira, posteriormente os estudantes, em duplas, reproduziram o processo entre si, foi possível observar o interesse e o exercício da comunicação praticado entre cada um, as histórias mais mirabolantes e criativas surgiam das histórias mentirosas que elas e eles inventaram, porém construídas de maneira a causar dúvida, o desafio era não ser óbvio na adivinhação, já as histórias verdadeiras, muitas acabaram sendo segredos revelados da escola ou da família da(o) estudante. Essas atividades a partir do jogo e da brincadeira foram acompanhadas de apresentações feitas por nós professoras, onde trouxemos informações das histórias das tradições orais e referências de manifestações artísticas que utilizam a palavra e a voz como ferramenta principal do seu trabalho, como o repente, batalhas de rima, slam, entre outros, linguagens que muitos já conheciam e agregaram nas discussões em sala, como a batalha de rima, que alguns alunos e alunas inclusive frequentavam e reconheceram em aula

Partindo para o 9º ano, tivemos aqui um perfil totalmente diferente de alunos e alunas e uma configuração da residência também diferente, o que afetou nossas sequências pedagógicas e como nos relacionamos com a turma, foi o momento de maior ansiedade para mim, pois estava lidando com um perfil de sala extremamente agitado, disperso, pouco interessados e muitas vezes desrespeitosos, a comunicação era sempre difícil e demorada, o que nos fazia perder muito tempo de

aula, havia um grupo em específico na sala que não apenas estavam desinteressados como também impediam a concentração da turma e a realização da aula, também havia a questão de que só tínhamos uma aula com apenas um 9º ano na semana, foi difícil estabelecer relações e confiança com a turma, portanto não temos tantas experiências positivas para narrar, pois foi sempre um desafio constante lidar com essa turma em específico porém relato aqui uma aula que ficou em minha memória, onde eu e Ellen propomos a turma de pixarmos a escola Cacilda Becker. De primeiro momento, os alunos e alunas não acreditaram que de fato iriam pixar a escola, e não íamos mesmo, não de maneira literal, a escola formal ainda tem muitas barreiras em relação a manifestações artísticas permanentes que possam “afetar” o patrimônio público, e o pixo, uma linguagem ainda marginalizada, seria muito menos aceito, como poderíamos trabalhar esse assunto presente no tema do semestre com a turma?

Propomos inicialmente que os alunos e alunas, individualmente, esboçasse uma tag, um pixo ou um grafitti em uma folha em branco, enquanto eu e Ellen preparamos a sala, a ideia era de projetarmos a imagem da fachada da escola na lousa, coberta por um papel kraft, para que assim pudéssemos exercitar de maneira prática imaginações de como seria a escola pixada pelos seus estudantes, entendendo aqui o potencial de uma intervenção na escola feita por aqueles que a habitam, a sensação de pertencimento a um espaço não vem apenas da sua presença física, mas da criação de relações com esse território

Figura 8 - Estudantes pixando a escola



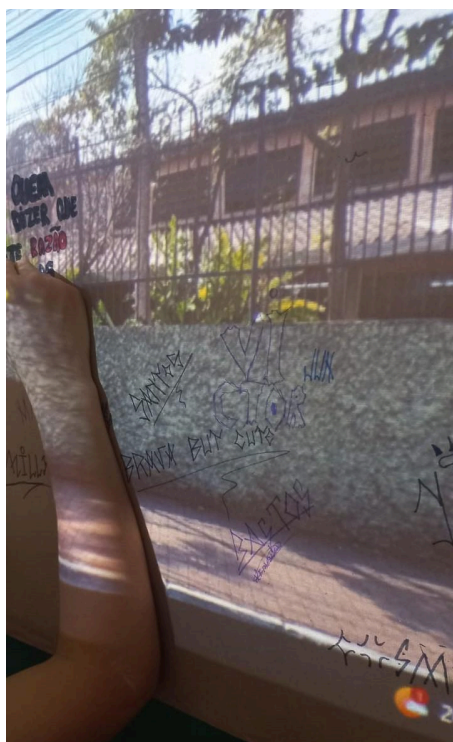
Fonte: Autora, 2023

Figura 9 - pixo “não há capitalismo sem racismo - Malcolm X”



Fonte: Autora, 2023

Figura 10 - nomes pixados na fachada da escola



Fonte: Autora, 2023

No decorrer do semestre , nossa relação com a escola muda, principalmente agora no lugar de professora, temos autonomia para investigar novas ideias e propostas de aprendizado para nossos alunos e alunas. O espaço físico do escola se tornou cada vez mais um interesse a ser explorado e menos um medo, era possível para mim, com a prática de professora, entender com mais clareza os efeitos da organização espacial de uma escola e como poderia subvertê-la, de maneira a fazer uso desse espaço que me está dado mas indo por caminhos outros aos que essa organização propõe, não é do meu interesse que meus alunos e minhas alunas fiquem em silêncio, nem que seus corpos fiquem estáticos, muito menos que reproduzam apenas o que eu falo sem ter autonomia para exercitar seus próprios saberes na escola, a disciplina não está nas minhas práticas pedagógicas. A escola tem em si suas características muitas vezes associadas ao encarceramento e a falta de liberdade, devido sua proposta tradicional, metodologias de ensino ultrapassadas e sua configuração espacial, mas é importante notar que somos nós, estudantes, professores e professoras, profissionais desse espaço e a comunidade ao entorno capazes de atribuir novos significados a partir de nossas práticas nessa instituição pertencente a nós mesmos

Me recordo de uma reunião no início da residência pedagógica, com meus coordenadores, Rejane e Sidiney, onde em meus primeiros dias na escola demonstrei minha insatisfação com o espaço escolar e as limitações percebidas por mim para minhas vontades como professora, não sabia se minhas ideias e propostas de aula seriam possíveis de serem realizadas naquela configuração, Sidney me disse para esperar um pouco, para voltar a essa questão após um tempo em sala, pois eu teria nova percepções a respeito, e de fato, o que era um medo e uma grande limitação para mim veio se tornando algo contornado no dia a dia, a estrutura da escola não mudou, continua a mesma, ainda com suas limitações presentes, mas a vivência na escola demonstrou novas possibilidades de habitação naquele espaço, ainda muito desafiador, mas possível, o uso da sala pode ser outro, eu não preciso ser a figura comandante daquele espaço, mas sim a figura orientadora, meu alunos e alunas não precisam ser submissos, mas sim participativos e propositivos também

Com os 7º anos, tivemos uma sequência pedagógica ao final do terceiro semestre onde pude colocar em prática os aprendizados como professora relacionados a um fazer que eu não achei que era possível na escola, propus que trabalhássemos a modelagem com argila como prática artística, essa uma das linguagens artísticas que eu mesma pratico para fazer cerâmica, muito complexa, exige uma atenção e principalmente uma relação especial com o barro que outras linguagens não possuem, é técnica mas também íntima, de que maneira eu poderia propor esse interesse para meus alunos e alunas no contexto da escola? pensei em um plano de aula focado no processo criativo e na experimentação, nas artes é comum ansiarmos pelo produto final e pela perfeição, mas não estamos em um ambiente

industrial de produção, estamos em um ambiente educativo. Após uma aula expositiva, onde apresentei o processo de feitura de uma peça em cerâmica, explicando de maneira simples os processos técnicos até chegar nas peças que eu levei para a sala, peças essas feitas por mim mesma, propus as turmas que fizéssemos algumas aulas práticas fora da sala, no boulevard, onde iríamos experimentar a modelagem do barro. A aula seguiu da seguinte maneira: cada um recebeu duas bolinhas de argila de aproximadamente 200g (pesadas e moldadas por mim e pela Ellen) e o material de modelagem seriam as próprias mãos. Para dar um disparo nas criações, em um primeiro momento, os alunos e alunas começaram suas modelagens a partir da palavra “Macio”, e em um segundo momento, a partir da palavra “Longo”. Utilizando desses adjetivos, minha intenção era não ditar que figura ou forma a turma iria modelar, mas instigá los de maneira não óbvia a tentarem interpretar manualmente no barro seus primeiros pensamentos e ideias a partir dessas palavras

Figura 11 - Figura humanoide modelada em argila a partir da palavra “Macio”



Figura 12 - Cobra com texturas modelada em argila a partir da palavra “Longo”



Fonte: Autora, 2023

Figura 13 - Estudantes modelando sofás em argila a partir da palavra “Macio”



Fonte: Autora, 2023

Figura 14 - Cabelo modelado em argila a partir da palavra “Longo”



Fonte: Autora, 2023

Figura 15 - Menina de cabelo comprido modelado em argila a partir da palavra “Longo”



Fonte: Autora, 2023

O processo das aulas seguiu de maneira divertida e proveitosa, os estudantes puderam ter um primeiro contato com o material sem muitas expectativas, apenas um exercício de experimentação para conhecer essa nova linguagem, resultados incríveis saíram dessas aulas, cada um com seus repertórios e suas ideias modelaram uma forma diferente e inusitada. Em um certo momento, durante a aula, que já tinha acabado, ainda haviam algumas alunas no boulevard modelando suas argilas, disseram que não queriam ir para o intervalo, que estavam gostando de ficar ali produzindo, foi muito importante para mim perceber que uma aula deu tão certo que, mesmo no contexto da escola, onde o intervalo é o momento de respiro que os alunos e as alunas mais anseiam, um grupo de aprendizes preferiria estender a aula ao invés de ir para o intervalo, me fez perceber que as aulas podem sim ser um momento de respiro também, onde o aprendizado é prazeroso





fazer com que os próprios estudantes chegassem às suas conclusões sobre as especificidades dos lugares na escola para compreendê-los.

A partir desse primeiro disparo, iniciamos uma sequência pedagógica do semestre composto por algumas atividades de desenho e aulas expositivas, uma delas em específico, onde trouxemos como referência três artistas e um arquiteto que pensam o espaço escolar de outras maneiras, subvertendo-as ou partindo da ideia de uma estrutura de aprendizado outra. Foram eles Bruno Novaes, artista que atuou como professor de artes na rede pública de ensino, apresentamos sua obra *Desenho Livre*, uma instalação de lousas de escola em um parque, onde a comunidade pode livremente escrever ou desenhar nas lousas, criando camadas de registros, retirando esse objeto da sua posição hierárquica na escola, onde só o professor pode escrever enquanto alunos e alunas copiam

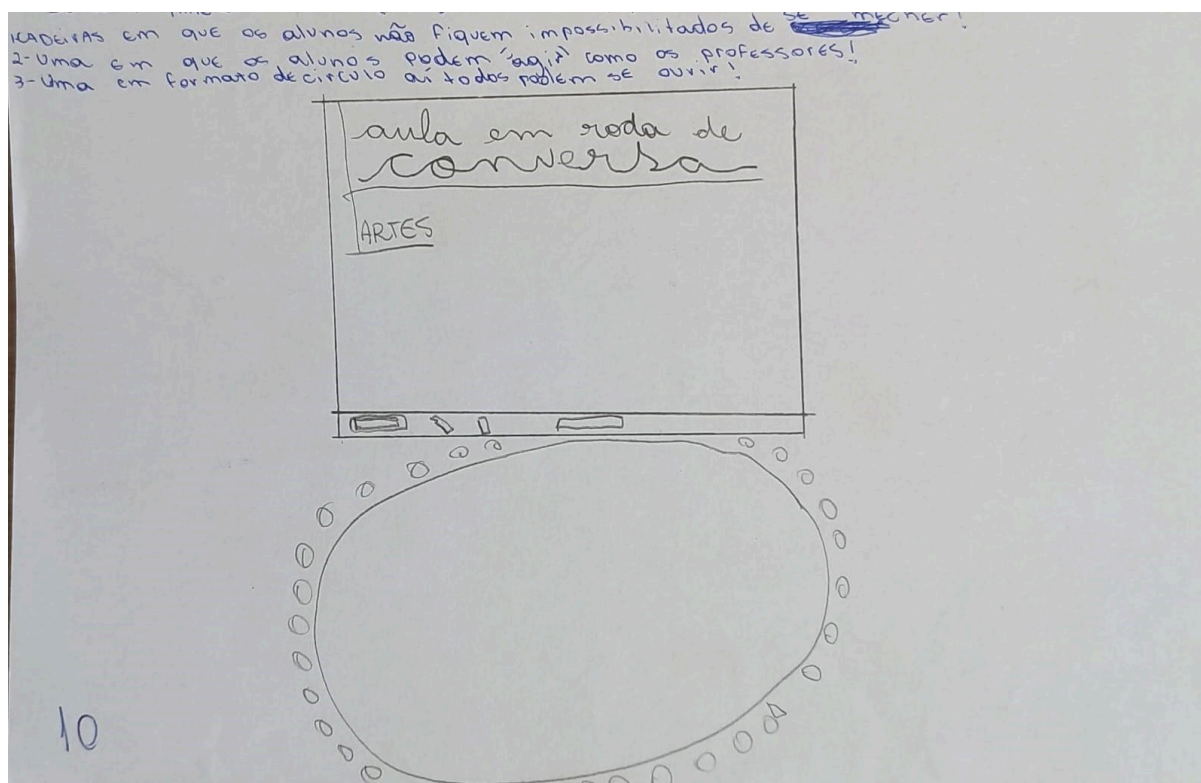
Ana Helena Grimaldi e sua obra *Carteira Infinita*, uma impressão 3D de uma carteira coletiva onde a mesa se estende de forma circular, acomodando uma grande quantidade de cadeiras, sugerindo uma outra relação de organização de estudantes no espaço da sala, já que, a carteira convencional impede a comunicação externa e conduz o corpo a um só ponto de atenção, aqui a carteira coletiva sugere uma coletividade do aprendizado. Denilson Baniwa e a *Escola Panapaná*, uma instalação exposta no octógono da Pinacoteca de São Paulo, Trata-se de uma estrutura de três andares feita de metal e madeira, com duas grandes velas laterais de pano que remetem às asas de uma borboleta, em cima de tudo, um círculo estampado mostra o ciclo de vida de uma mariposa, dentro deste grande casulo acontecem aulas de línguas baniwa e guarani e de cultura, pensamento e história indígena no Brasil, abertas para o público. Diébédo Francis Kéré, também apresentado em aulas, é um arquiteto nascido em Gando, Burkina Faso, seus grandes trabalhos são feitos em regiões e países com pouca infraestrutura e escassez de recursos, a partir de uma visão de arquitetura que empodera coletivamente uma comunidade (comunidades essas que participam do processo de construção desses edifícios) e da utilização tecnológica e inovadora de materiais dispostos na própria região, Diébédo constroi instituições escolares contemporâneas, unidades de saúde, habitação profissional, edifícios cívicos e espaços públicos

Todas essas figuras apresentadas e discutidas em sala nos trouxe referências diversas não só da escola e de seu espaço físico como questão, mas também da arte e da arquitetura como ferramenta de pensamento crítico e de transformação social, o potencial de traçar outros imaginários para um espaço de convivência como o da escola traz consigo outras possibilidades de relacionamento nesses espaços, aí entra a questão discutida em aula, sobre o que particularmente nos incomoda no espaço da escola é justamente como essa configuração agrupa e direciona nossos corpos e nossas ações, a quadra, o boulevard, o patio da escola e até mesmo a biblioteca são espaços queridos pelos estudantes justamente pelo seu potencial libertador do corpo e das relações, outros modos de estar e de aprender

acontecem nesses espaços que, infelizmente, não costumam acontecer no espaço reservado exclusivamente para o maior período de permanência na escola, a sala de aula. Apesar da sala de aula, tradicionalmente como a conhecemos, ser projetada para o exercício da disciplina e da observação, eu como professora e em minha experiência acredito que o uso dessa espacialidade pode transformar a maneira como uma aula acontece, a sala de aula não é apenas hostil pela forma como ela se apresenta, mas como nós a usamos também, praticar pedagogias disruptivas que vão contra os interesses desse projeto chamado sala de aula são possíveis mesmo no contexto da escola pública, acredito que a prática de alternar minhas aulas entre espaços abertos da escola e a sala deu um respiro aos meus alunos e alunas e uma dinâmica mais interessante as aulas de arte, ao mesmo tempo que o uso da sala de aula sempre aconteceu de maneira a não corroborar com as estruturas já presentes nela, eu e Ellen como professora nos movimentamos diante da sala, os alunos e as alunas faziam suas atividades em duplas e grupos, e mesmo que não nessa configuração, sua posição na sala não era de obediência e silêncio absoluto, era incentivado que fossem participativos e ouvintes de si mesmos nas discussões, e quando cabia, o uso tradicional da configuração da sala nos servia de maneira útil, para apoiar uma folha para um desenho ou escrever um texto, para apresentar um vídeo ou uma imagem, e não para controlar o corpo e suas ações

Durante esse último semestre do ano, concomitantemente as aulas citadas, foram propostos alguns exercícios artísticos para as turmas do 7º ano, especificamente neste semestre, com menos dias de aula e mais corrido, optamos por não apresentar uma linguagem ou materialidade nova para os alunos e alunas, pois pouco poderíamos nos aprofundar sobre pensando que já estamos focando na escola como tema, foram propostos exercícios de desenho, pensando que aqui estamos utilizando da capacidade de imaginar para traçar novos cenários em relação a esse espaço, o desenho é, em sua maioria, a ferramenta principal para começar a materializar uma ideia. Uma dessas atividades foi um exercício de imaginação, onde pedimos a turma para reorganizar a sala de aula, através do desenho, de maneira a pensar questões presente na sala do qual já conversando em aulas passadas, como a locomoção e a comunicação nesse espaço, como seria se pudéssemos mudar a maneira como a sala de aula é organizada e como ela funciona

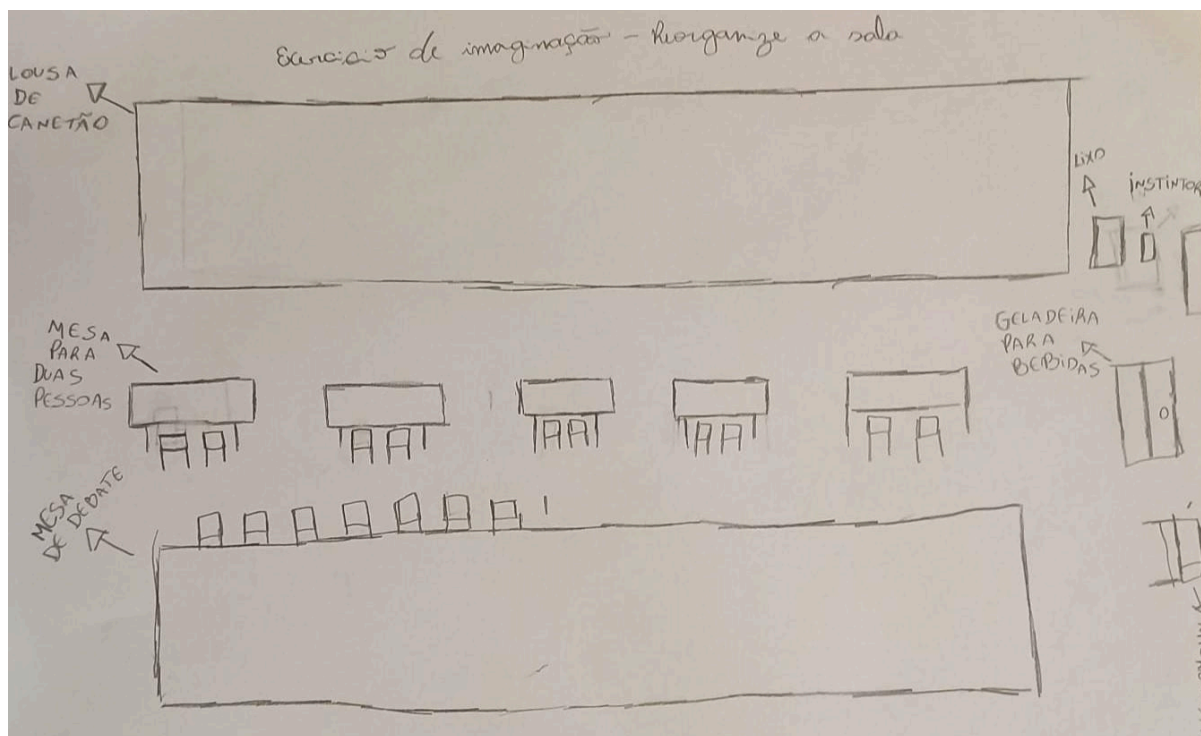
Figura 18 - Desenho da sala de aula com uma grande mesa redonda



Fonte: Autora, 2023

Me chama a atenção nesse desenho o modo de funcionamento proposto para a sala de aula, especialmente quando a estudante menciona uma cadeira específica para os alunos agirem como professores, aqui, imagino que agir como professor seja em um lugar de ter autonomia para conduzir o momento da aula, para demonstrar seus interesses e seus saberes como estudante, o professor é visto como a figura sábia da sala que orienta a turma, escolhe os conteúdos de aprendizado e faz o controle das ações nesse espaço, ter essa posição (em formato de cadeira) seria uma tentativa por parte dessa aluna de assumir uma posição que não seja submissa e passiva dentro do seu espaço de aprendizado. Importante perceber como essas configurações espaciais da sala de aula e da escola são entendidas pelos estudantes desde cedo, a cadeira da professora e a lousa são localizações destinadas aqueles ou aquelas que possuem autonomia e liberdade dentro desse espaço, características essas também de desejo dos estudantes

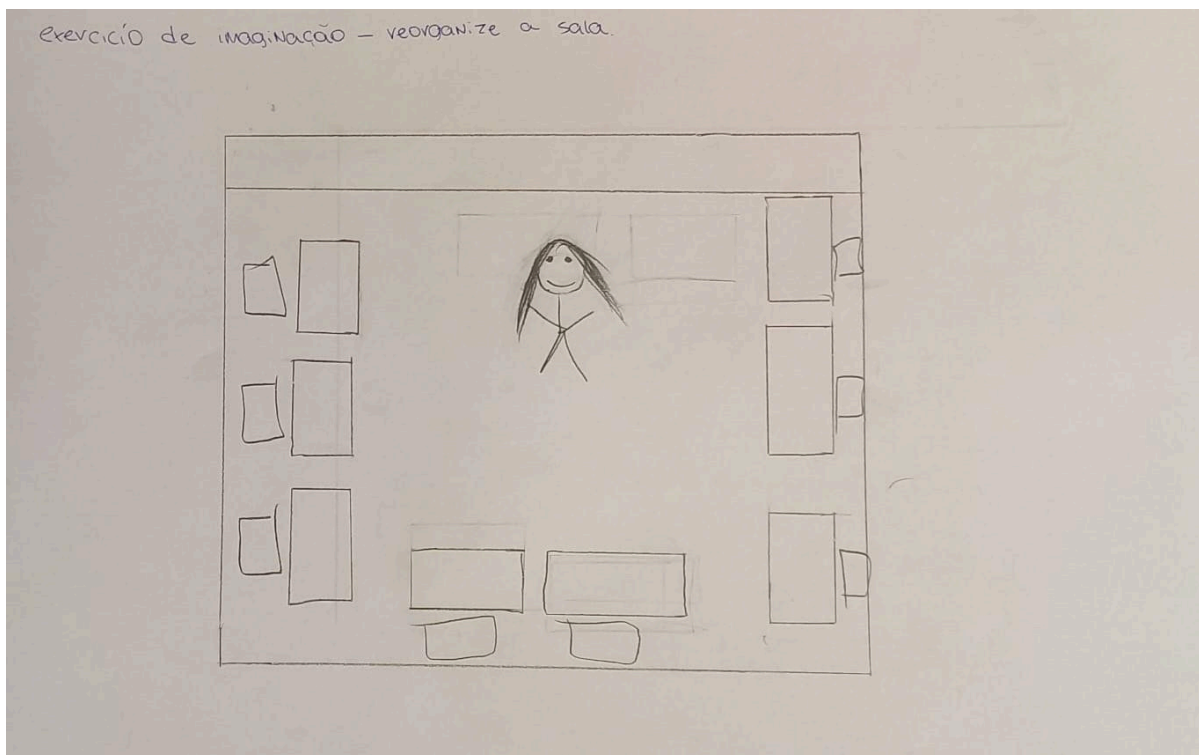
Figura 19 - Desenho da sala de aula com uma grande mesa para debates e outras mesas para duplas



Fonte: Autora, 2023

Neste desenho, o aluno propõe duas possibilidades de disposição das mesas e cadeiras da sala, com propósitos diferentes, sendo um conjunto de mesas em duplas e outra mesa única e maior para debates em sala. Durante o processo como professora na EMEF Cacilda Becker, apesar dos meus incômodos com a sala de aula, ela se torna muito útil em vários momentos das sequências pedagógicas propostas, aulas expositivas onde apresentava um artista e/ou um conteúdo onde utilizei imagens e textos, ou atividades em sala onde precisávamos de um apoio como a mesas, e atividades em duplas necessitavam essa divisão de espaço onde os alunos e alunas podiam se organizar para fazer a tarefa em conjunto, estando em dupla, o foco dos mesmos fica entre si e a atividade, já em debates e conversas gerais em sala, sempre foi muito difícil, pois a organização tradicional presente na sala dificulta a comunicação entre alunos e alunas, dificulta a escuta de quem está mais distante e o professor ou professora encontra desafios para conquistar a atenção da turma, já que essa configuração tradicional também provoca um desconforto dos corpos nela presente, a agitação e a ansiedade se tornam dificultadores no processo de realização de uma sequência pedagógica. Aqui o aluno apresenta uma proposta de organização espacial da sala que oferece duas possibilidades de arranjo para dois tipos diferentes de didática do professor ou da professora, tornando assim o espaço dinâmico para mais de um formato de aula.

Figura 20 - Desenho da sala de aula com a professora no centro da sala

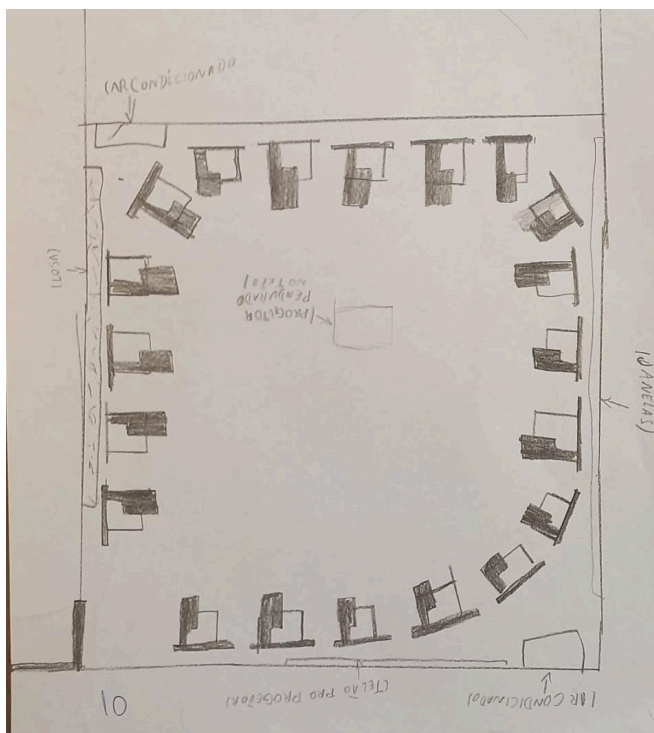


Fonte: Autora, 2023

O desenho dessa aluna é simples e interessante, a figura central chama a atenção rodeada de carteiras, seria essa figura a professora? Em uma posição central quase de alvo, diferente da posição tradicional da professora, que serve também para o exercício de vigilância da sala e dos estudantes para o controle e disciplina dos corpos, aqui a professora ocupa um espaço onde a comunicação pode ser possível, e se faz presente diante de toda a turma. Em minha experiência na escola, rodear as carteiras sempre foi um movimento cotidiano como professora, uma maneira de acompanhar meus alunos e minhas alunas, podia observar com cuidado seus processos, conversar com aqueles e aquelas que estivessem abertos a falar de suas produções, compartilhar dicas e percepções, que sempre me rendiam bons momentos individuais com cada um da turma, é comum que, por falta de incentivo, inspiração ou vontade, muitos desenhos e produções artísticas de outras linguagens acabam sendo apenas uma tarefa a ser realizada, percebi o quão importante é a orientação em sala de aula, esta que não é possível fazer estando apenas sentada em uma cadeira ao lado da lousa, é necessário romper com os condicionamentos que a sala de aula impõe aos nossos corpos e as nossas posições

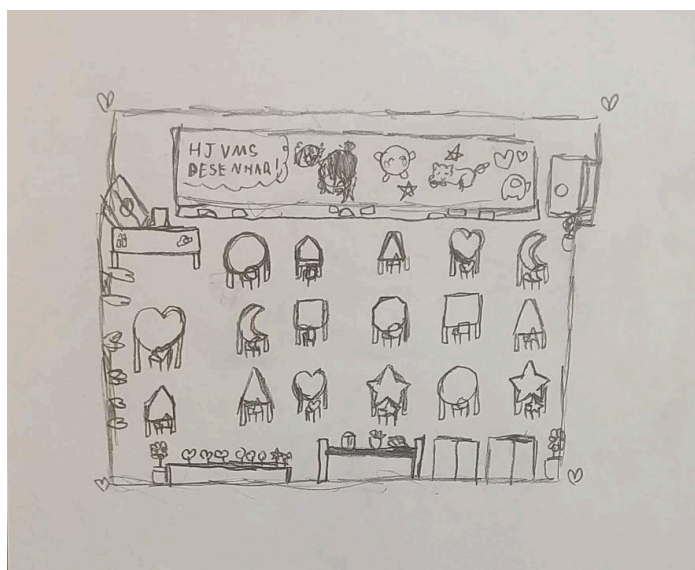
Outros desenhos realizados pelas turmas dos 7º anos:

Figura 21 - Desenho da sala de aula com cadeiras circulando a sala



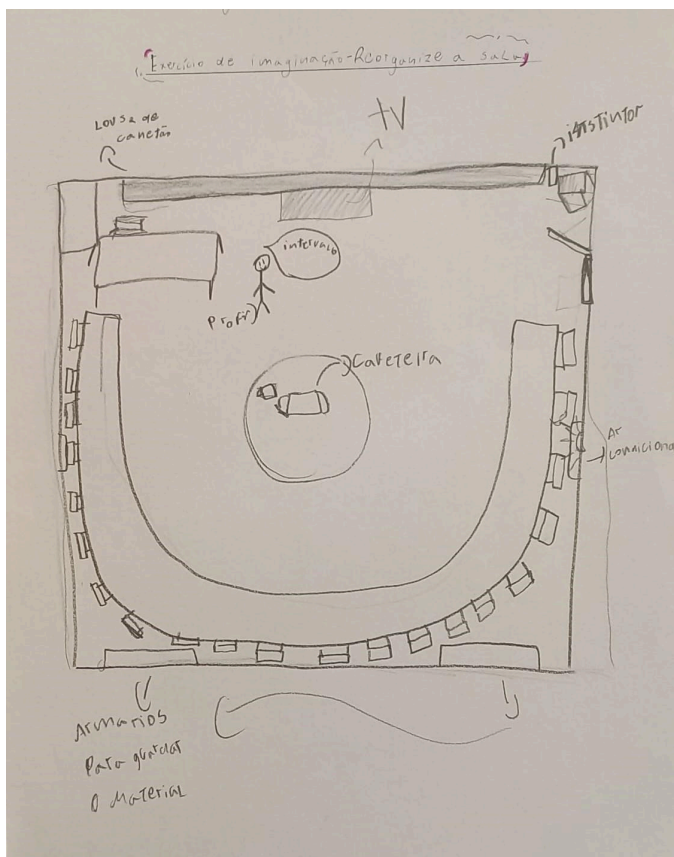
Fonte: Autora, 2023

Figura 22 - Desenho da sala de aula lúdica e divertida



Fonte: Autora, 2023

Figura 23 - Desenho da sala de aula em “U” com cafeteria no centro



Fonte: Autora, 2023

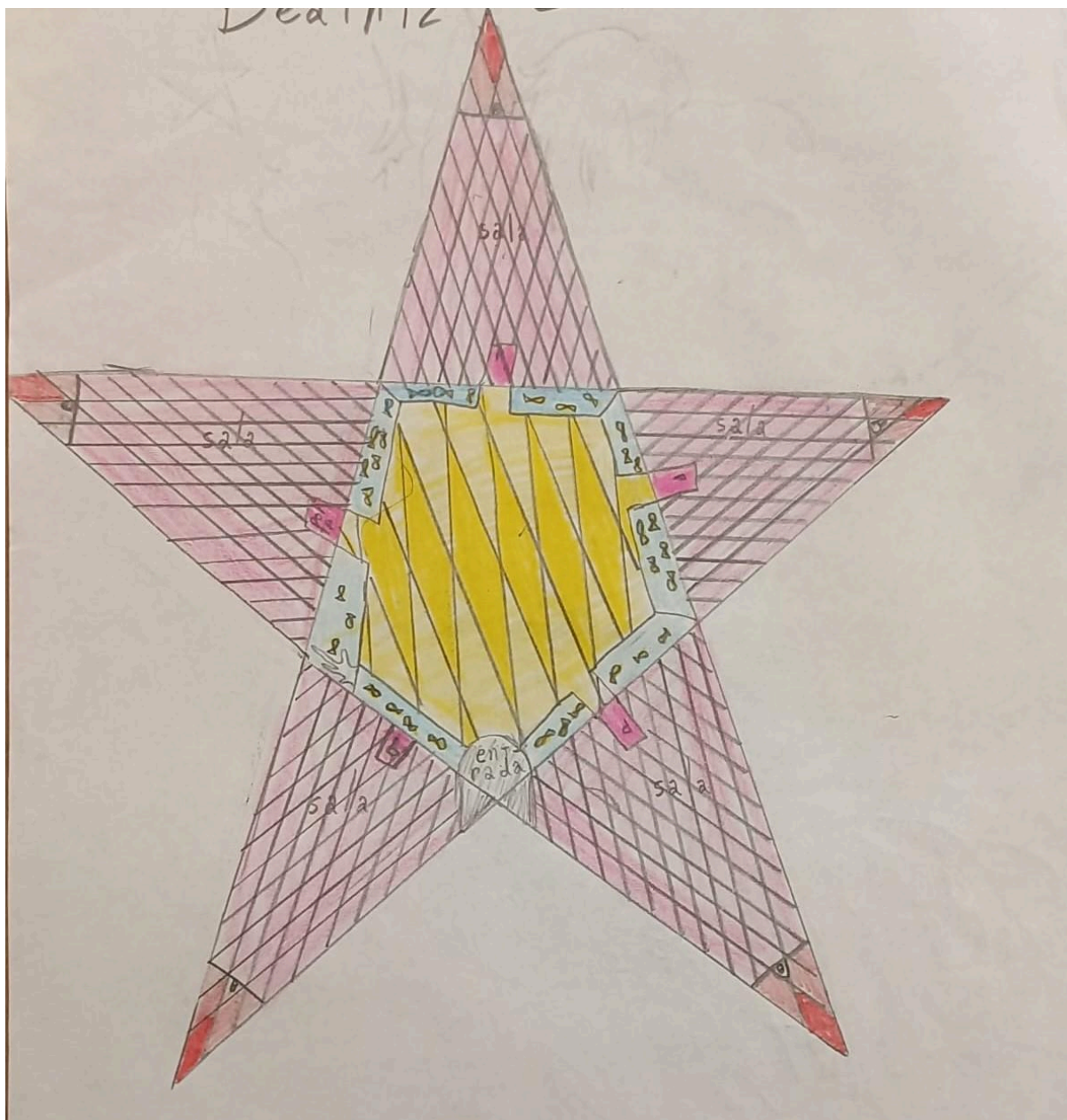
Foi muito importante para mim como professora, perceber como reverberou os processos de aula nesse semestre, instigar os alunos e alunas a pensarem a estrutura da escola mais profundamente, investigando seus desconfortos e reclamações sobre o que os atravessava de maneira negativa todos os dias ao entrar nesse espaço, para assim se tornar conscientes do seu entorno e traçar imaginários possíveis (e impossíveis no momento) de subversão desse espaço, afinal a escola é o que é, mas somos nós que nela habitamos, somos nós capazes de transformar um espaço do qual passamos um grande período de nossas vidas e onde muitas das nossas habilidades pessoais, de socialização, senso de comunidade e aprendizados acontecem, acredito que aqui como professora, minha intenção foi nos retirar de dentro da escola e olhar para ela com cuidado, de maneira crítica e analítica, partindo da sala de aula, espaço de maior permanência dos corpos, e posteriormente, a escola como um todo

A partir desse olhar que sai da sala de aula e vai para a escola no geral, propus as minhas turmas uma última atividade, essa inspirada na sequência pedagógica de uma amiga e colega de profissão, Tami Tahira, onde a mesma propõe aos seus

alunos e alunas um exercício de desenho baseado no resgate da memória para reconhecimento e pertencimento do agora a partir do território. Iniciando sua aula falando sobre sua ancestralidade Okinawa e a história do seu povo, o exercício proposto por Tami provoca o/a estudante a desenhar o mapa de um lugar inventado pelos mesmos, se guiando para a construção desse mapa com perguntas, como: “O que tem nesse lugar inventado?”, “Como as pessoas vivem nesse lugar?”, “Como é a arte que as pessoas fazem nesse lugar?”, “Como vim parar no lugar em que moro hoje?” entre outras perguntas, que instigam os estudantes a pensarem esse território a partir de seus próprios referenciais e memórias. Em minha reformulação, pensando o espaço escolar como alvo e relacionando com a escola panapaná de Denilson Baniwa, propus um exercício de desenho arquitetônico, de uma planta baixa da escola, entendendo que, por padrão, a escola já possui um formato quadrado e/ou retangular, excluímos essas formas e começamos o desenho escolhendo uma outra forma geométrica para começar a planta, sendo elas: círculo, triângulo, pentágono, hexágono, cruz, trapezio, estrela, diamante, quadrifoglio, seta, oval, paralelogramo, octógono e coração. Cada aluno e aluna escolheu uma forma para iniciar o desenho, e a partir de perguntas, foram construindo uma escola inventada, a cada pergunta, a turma tinha um momento para desenhar uma parte da planta baixa, de acordo com o que a pergunta pediu, sendo elas as perguntas: “Qual a forma dessa escola?”, “Quais salas e espaços existem nessa escola?”, “Como essa escola é esteticamente?”, “Como é a arte que as pessoas fazem nessa escola?”, “O que tem de ruim nessa escola?”, “O que falta na escola em que você estuda mas que existe na sua escola inventada?” e por fim “Como vim parar na escola Cacilda Becker?, e para onde vou depois dela?”

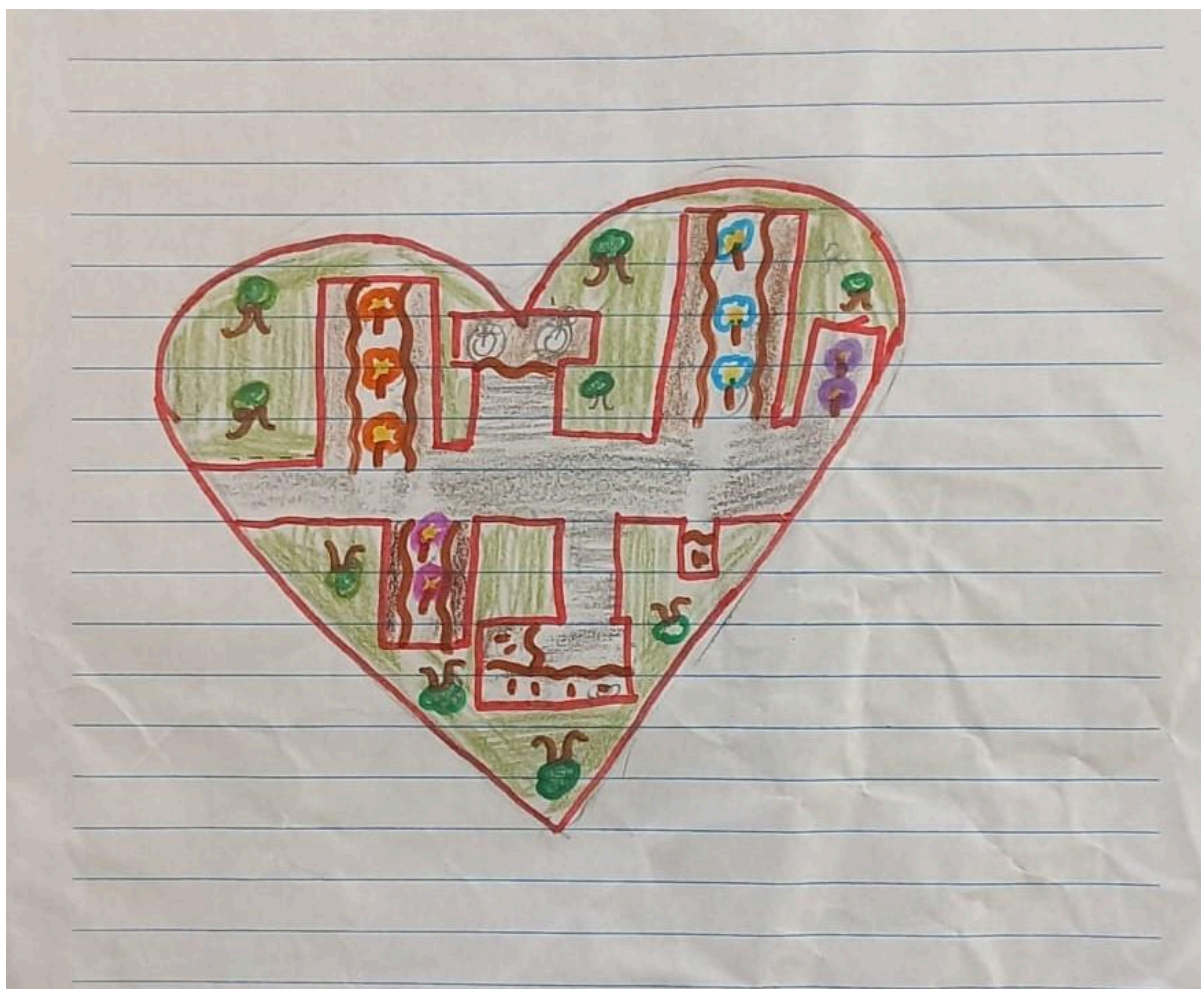
Abaixo alguns resultados dos desenhos

Figura 24 - Desenho da escola em formato de estrela



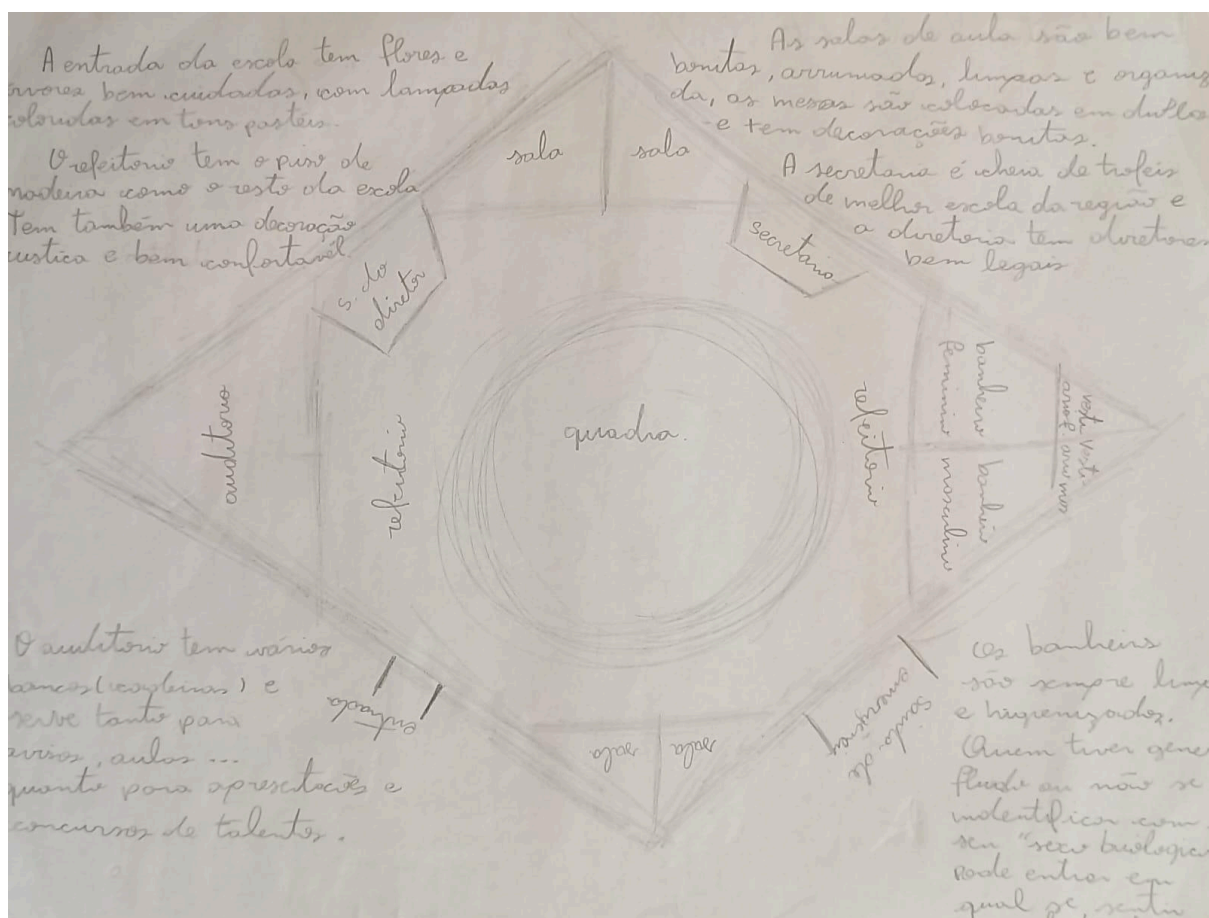
Fonte: Autora, 2023

Figura 25 - Desenho da escola em formato de coração



Fonte: Autora, 2023

Figura 26 - Desenho da escola em formato de losango



Fonte: Autora, 2023

Dos muitos desenhos realizados pela turma, destaco estes três, que acredito terem capturado a essência das propostas pedagógicas apresentadas durante o semestre, levando em conta a ruptura com o formato tradicional do espaço escolar e os aprendizados que tivemos com o trabalho de Diébédo Francis Kéré e a escola primária de Gando e Denilson Baniwa com a Escola Panapaná. Com esses trabalhos acredito ter instigado meus alunos e alunas a olharem para a escola como um espaço que lhes pertence, com um olhar crítico e de transformação, entendendo que as configurações presentes nesse espaço e impostas aos seus corpos podem ser repensadas e desobedecidas, criando outros usos a partir da reflexão do papel da escola em nossas vidas, como aprendizes e professores somos nós capazes de transmutar esse território e criar outros imaginários possíveis para o futuro da escola.

## 5 Considerações finais

Este trabalho buscou explorar e problematizar o papel do espaço físico no processo de ensino e aprendizagem no contexto do ensino básico, com especial atenção às escolas públicas e às condições que moldam suas estruturas. Ao longo da pesquisa, foi possível compreender como a configuração espacial da escola pode influenciar a experiência educacional, atuando não apenas como um local de ensino, mas também como um agente de controle que impacta a liberdade e a autonomia dos corpos e das mentes que a habitam. A análise das características arquitetônicas escolares, inspirada nas teorias de Michel Foucault sobre dispositivos de poder e vigilância, permitiu que fossem evidenciadas algumas limitações intrínsecas ao modelo escolar tradicional. Este modelo, marcado por elementos como salas padronizadas, corredores estreitos e áreas de convivência restritas, muitas vezes contribui para uma vivência escolar disciplinadora e limitadora, impactando negativamente o desenvolvimento integral dos estudantes.

Ao considerar alternativas de organização espacial mais flexíveis e inclusivas, como as exemplificadas pela *Escola Panapaná* e a *Escola Primária de Gando*, tento apresentar caminhos possíveis para a criação de ambientes educativos mais acolhedores e dinâmicos, que valorizem a diversidade cultural e promovam uma pedagogia da liberdade. Esses exemplos demonstram que o espaço escolar pode ser reimaginado para atuar como um facilitador do aprendizado, oferecendo aos alunos e alunas a oportunidade de interagir de forma mais aberta e colaborativa. Projetos que rompem com a arquitetura escolar tradicional, e que são sensíveis às necessidades de seus usuários, revelam o potencial de transformar a educação em uma prática mais acessível, conectada com o entorno e orientada para o desenvolvimento humano integral

O relato prático apresentado neste trabalho, baseado na experiência na Residência Pedagógica, reforça a importância de reavaliar o uso e o propósito dos espaços escolares no contexto da educação pública. A prática docente evidenciou que, ao flexibilizar o uso do ambiente escolar e utilizar métodos que incentivem a experimentação, é possível engajar os estudantes de maneira mais significativa. Essa vivência prática possibilitou observar os efeitos positivos de uma abordagem pedagógica que valoriza o movimento e a criatividade, elementos fundamentais para um aprendizado mais enriquecedor

Portanto, as reflexões e análises realizadas ao longo deste TCC contribuem para uma discussão mais ampla sobre a necessidade de repensar a arquitetura das escolas e a organização de seus espaços. Tais mudanças demandam um esforço conjunto entre educadores, gestores públicos e a própria comunidade escolar para que se promovam ambientes mais inclusivos e adequados às demandas contemporâneas. Uma escola que respeite a diversidade e a individualidade dos estudantes não pode estar alicerçada em estruturas rígidas que limitam suas

expressões e seu desenvolvimento, mas sim refletir e apoiar uma educação que promova o respeito à autonomia, o pensamento crítico e o envolvimento ativo dos alunos.

Ao escrever esse trabalho, espero não apenas contribuir para o entendimento do papel do espaço físico na experiência educacional, mas também inspirar futuras práticas pedagógicas e projetos arquitetônicos que favoreçam a liberdade e o desenvolvimento integral dos estudantes. É possível construir uma escola mais democrática e acolhedora, que transcenda o papel de mero transmissor de conteúdos e se torne um verdadeiro espaço de transformação social e de emancipação pessoal

## Referências

- BRASIL. Projeto de Lei n. 5983, de 12 de dezembro de 2023. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre o ensino de arte no âmbito da educação básica. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=2374515&filename=PL%205983/2023](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2374515&filename=PL%205983/2023). Acesso em: 5 nov. 2024.
- BUROCCO, Laura. **Processos coletivos de aprendizados dentro de espaços institucionais de arte**. Modos: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 8, n. 2, p. 561-599, maio 2024. DOI: 10.20396/modos.v8i2.8675004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8675004>. Acesso em: [incluir data de acesso].
- DENILSON BANIWA: Escola Panapaná. São Paulo, 18 mar. 2023. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/denilson-baniwa-escola-panapan-a/>. Acesso em: 13 set. 2024.
- ESCOLA PRIMÁRIA DE GANDO / Kéré Architecture. ArchDaily Brasil, 6 maio 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/786882/escola-primaria-em-gando-kere-architecture>. ISSN 0719-8906. Acesso em: 2 out. 2024.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 1. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2013.
- KÉRÉ ARCHITECTURE. **Gando Primary School**. Disponível em: <https://www.kerearchitecture.com/work/building/gando-primary-school-3>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- KÉRÉ, Francis. **Radically simple: my vision for the school of the future**. Londres: Thames & Hudson, 2021.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, [local desconhecido], n. 19, jan. 2022.
- MENEZES, Renato. Fala no documentário *Denilson Baniwa: Escola Panapaná*. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/OWFY1yyyspA>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- PINACOTECA. **Denilson Baniwa: Escola Panapaná**. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/denilson-baniwa-escola-panapan-a/>. Acesso em: 13 set. 2024

PRITZKER ARCHITECTURE PRIZE. Citação do júri do Prêmio Pritzker 2022.

Disponível em:

<https://www.revistaprojeto.com.br/noticias/diebedo-francis-kere-recebe-premio-pritzker-de-arquitetura-2022/>. Acesso em: 13 set. 2024.

SED-07672. Organização curricular do ensino fundamental da rede estadual de ensino de São Paulo. São Paulo, 16 nov. 2023. Disponível em:

<https://atendimento.educacao.sp.gov.br/knowledgebase/article/SED-07672/pt-br#:~:text=As%20matrizes%20curriculares%20da%20etapa, minutos%2C%20nos%20termos%20desta%20resolu%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 8 jul. 2024.

SOBREIRA, Fabiano. **Francis Kéré: arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados**. Revista Projetar: Projeto e Percepção do Ambiente, [local desconhecido], v. 9, n. 1, jan. 2024. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/33150/18202>. Acesso em: 23 set. 2024.